



CAMPUS URUGUAIANA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES DE (RE)
SIGNIFICAR.**

NOÉLIA CAROLINA RODRIGUES

Uruguaiana, 2017

NOÉLIA CAROLINA RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES DE (RE)
SIGNIFICAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca do Curso Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Uruguaiana, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física. Orientadora: Prof.^a Dda. Mauren Lúcia de Araújo Bergmann.

URUGUAIANA, 2017

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES DE (RE) SIGNIFICAR.

PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL: MEANINGS AND POSSIBILITIES OF (RE) MEANING.

Resumo: Geertz (1989) considera a cultura como toda a produção da humanidade interligada por meio de uma rede de significados. No ambiente escolar, Chervel (1988) compreende a cultura escolar como cultura adquirida na escola e Viñao Frago (2000) acrescenta a cultura escolar os modos de pensar e atuar que proporcionam aos seus componentes estratégias para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas. Ao abrangermos a cultura escolar da Educação Física é preciso que venhamos conhecer as influências significativas que a mesma teve durante seu processo de formação que influenciaram e deixaram alguns resquícios, constituindo uma Educação Física atravessada por fatores que limitam a sua organização curricular. Neste sentido, o objetivo deste estudo buscou compreender os significados da Educação Física escolar na perspectiva de estudantes após o período de intervenção, para isto, foi desenvolvida uma pesquisa-ação que envolveu um professor de Educação Física, uma turma de estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Uruguaiana-RS, durante as aulas de Educação Física da turma ao longo do ano de 2017. Este estudo poderá oferecer contribuições/incentivos para uma inovação no planejamento da Educação Física na escola, visto as diversas possibilidades que a proposta deste projeto proporcionou, e ainda, superando os conteúdos que marcaram historicamente o currículo das aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Docência, Pesquisa-ação, Cultura.

Abstract: Geertz (1989) considers culture as the whole production of humanity interconnected through a network of meanings. In the school environment, Chervel (1988) understands school culture as a culture acquired at school and Viñao Frago (2000) adds school culture to the ways of thinking and acting that provide its components with strategies to develop both in classrooms and outside them. When we cover the school culture of Physical Education we must know the significant influences that it had during its formation process that influenced and left some remnants, constituting a Physical Education crossed by factors that limit its curricular organization. In this sense, the objective of this study was to understand the meanings of Physical Education in the perspective of students after the period of intervention, for this, an action research was developed that involved a Physical Education teacher, a group of students of the 8th year of the Elementary School of a public school in Uruguaiana-RS, during the classes of Physical Education of the class throughout the year 2017. This study may offer contributions / incentives for an innovation in the planning of Physical Education in the school, considering the various possibilities that the The proposal of this project has provided, and still surpasses, the contents that historically marked the curriculum of Physical Education classes.

Keywords: School Physical Education, Teaching, Action Research, Culture.

1.INTRODUÇÃO

Segundo Kermes (2009), tudo aquilo que é aprendido pelos homens no ambiente em que vivem é compreendido como cultura, ao abrangermos o campo da Antropologia a mesma é considerada toda a produção da humanidade interligada por meio de uma rede de significados (Geertz, 1989). A partir de seu nascimento, as crianças não compreendem conscientemente o significado do mundo e são sensíveis a contingências em seu ambiente, tal sensibilidade permeia o aprendizado em seu primeiro ambiente social, a família. Considerando a escola como ambiente de convivência, Chervel (1988) compreende a cultura escolar como cultura adquirida na escola encontrando nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem. Viñao Frago (2000) acrescenta ao conceito de cultura escolar os modos de pensar e atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas e que se integram na vida cotidiana dos mesmos.

É notório que existe uma influência do contexto nas concepções e nos procedimentos que os professores priorizam em suas aulas, “o que ensinar?”, “como ensinar?”, “quando ensinar?” são algumas das perguntas que permeiam o trabalho docente. Assim, as respostas expressas no currículo escolar como consequência da cultura escolar podem imprimir marcas significativas no grupo social no qual se insere.

Desta forma, ao pensarmos na cultura escolar da Educação Física é preciso reconhecer as influências históricas que a mesma teve durante seu processo de formação. Darido (2003), afirma que tais influências se deram de acordo com as necessidades em cada época vivida, para que fossem ensinados hábitos saudáveis à população, teve influência médica com função higienista (Ghiraldelli Jr., 1988). Posteriormente, foi influenciada pelo militarismo onde os alunos eram tratados como soldados, afim de que fossem preparados fisicamente para proteger a nação (Coletivo de Autores, 1992). Foi influenciada também pelo esporte (Ghiraldelli Jr., 1988), onde as aulas eram voltadas para os alunos mais bem preparados como atletas, e a procura em formar tais era tamanha, que os que não se adaptavam eram excluídos gradativamente.

Apesar dos avanços teóricos ocorridos nas últimas décadas, mobilizando a área para inovações no ensino e trazendo novas perspectivas para as práticas na escola, ainda são visíveis alguns resquícios das influências de seu processo histórico que constituem uma Educação Física atravessada por fatores que interferem na sua organização curricular. De acordo com Betti

(1997), a Educação Física é compreendida como um componente curricular que insere e integraliza o aluno na cultura corporal, tornando-o cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transforma-la, em benefício da melhoria da qualidade de vida e do exercício crítico da cidadania. Segundo Medina (1987), a Educação Física vem cumprindo de maneira mais ou menos eficiente a função que lhe foi destinada na sociedade. O autor relata que o valor educativo de certas atividades- como dança, dramatização, bioenergética, entre outras- não têm espaço na escola e ressalta que são raras as exceções em que se discute o verdadeiro valor desses movimentos. Nesta perspectiva, cabe aos profissionais da área distinguir o educativo do alienante e o fundamental do supérfluo de suas tarefas, para que haja progresso, desenvolvimento e crescimento a partir de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física, e não, de certezas que não passam, às vezes de opiniões e hipóteses superficiais.

Escudero & Neira (2011), por meio de Estudos Culturais analisam ações e concepções frutos de experiências contextuais e procedimentos utilizados por educadores que refletem visões construídas na socialização cultural. Uma das identidades atribuídas à Educação Física é a esportivista, e, embora os currículos tragam outras manifestações da cultura corporal a serem tematizadas na escola, são frequentes aulas onde percebe-se o propício e conveniente rolar a bola, onde o professor larga a bola para seus alunos e espera que os mesmos aprendam sozinhos. Ou ainda, aulas voltadas para o rendimento dos estudantes, objetivando a formação de atletas. No Ensino Médio, observo este comportamento pelo fato de que em variadas escolas da cidade a Educação Física é separada por clubes (os alunos escolhem a modalidade que desejam praticar durante todo o ano letivo).

Rosa & Krug (2010), acreditam que a estrutura em forma de clubes favoreça e reforce a “cultura” de que a Educação Física está diretamente relacionada ao desporto, pelo fato da possibilidade de escolha sobre o que aprender. O aprendizado se dará sobre uma parcela da cultura corporal (partindo do pressuposto que durante o Ensino Fundamental os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar, praticar e experimentar as diversas manifestações corporais que a Educação Física tem a oferecer) e dependendo da escolha do aluno, poderá despertar o interesse por novos conhecimentos ou simplesmente seguir na opção que lhe seja mais aprazível, durante todo o Ensino Médio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (1998), trazem objetivos propostos pelo Ministério da Educação, juntamente com o auxílio de especialistas das diversas áreas da Educação, para todas as disciplinas escolares nas diferentes etapas de ensino. Assim, abrange o Componente Curricular de Educação Física, onde propõe diversas competências para serem desenvolvidas pelos educandos, no decorrer dos Anos Finais do Ensino Fundamental, sendo a maioria voltada ao conhecimento das diferentes manifestações da cultura corporal com suas possibilidades de prática e importância na vida do cidadão (BRASIL, 1998), que objetiva-se formar.

É perceptível que em algumas escolas há um esquecimento da importância das aulas de Educação Física, e um maior comprometimento com as outras disciplinas que servirão de base para o ingresso no ensino superior. A BNCC (2016), expressa que seu dever é possibilitar o desenvolvimento da capacidade de pesquisa e criação, não se baseando somente no acúmulo de informações e/ou exercícios repetitivos, estimulando a busca pelo conhecimento, raciocínio e aprendizagem contínua, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, bem como, os compromissos que os sujeitos assumem com relação à coletividade e aos processos de construção de identidade, que se dão no reconhecimento e acolhimento das diferenças.

Assim, juntamente com as demais disciplinas, a Educação Física, como componente curricular, também é responsável pela inserção das finalidades citadas anteriormente, que mesmo com os benefícios reconhecidos, nem sempre a comunidade escolar atribui significância as aulas de Educação Física.

O Estágio Supervisionado possui poder altamente reflexivo em relação à formação inicial em cursos de licenciaturas, vale ressaltar que na graduação há uma série de possibilidades que permitem uma base da realidade escolar, porém é na prática que o termo abordagem pedagógica começa a fazer sentido. Com isso, este estudo teve como objetivo compreender o significado atribuído pelas alunas em relação ao componente curricular de Educação Física, analisando os efeitos de uma intervenção realizadas durante o III Estágio Supervisionado em Educação Física da Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaiana, onde foram tematizadas manifestações corporais pouco exploradas na Educação Física escolar, no intuito de oportunizar reflexão e formação da capacidade crítica no cotidiano das aulas de Educação Física de alunas do 8º ano de uma escola estadual da cidade de Uruguaiana-RS.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 *Delineamento Metodológico*

O presente estudo apresenta-se como uma pesquisa-ação, que se caracteriza como:

“um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENT 2011, p.20).

Na pesquisa-ação deve haver uma permanente articulação entre os pesquisadores e os atores sociais durante o processo de desenvolvimento do estudo. Essa interação envolve todos na definição dos problemas, na tomada de consciência acerca dos problemas e na determinação de ações que busquem caminhos para solucioná-los, havendo uma ênfase no processo de aprendizagem de todos os envolvidos.

Assim, na busca por soluções para os problemas identificados pelo grupo, as ações não podem ser impostas. De acordo com THIOLENT (2011): “a ação ocorre somente se for do interesse dos grupos e concretamente elaborada e praticada por eles. O papel dos pesquisadores é modesto: apenas acompanhar, estimular, catalisar certos aspectos da mudança decidida pelos grupos interessados”.

Desroche (apud MORIN, 2004) qualifica a pesquisa-ação como “uma pesquisa em que os autores de pesquisas e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação”. Desroche também destaca três aspectos da pesquisa: explicação, aplicação e implicação. A explicação dá conta da compreensão de aspectos sobre os atores sociais envolvidos, suas ações e interações; a aplicação abrange a transposição de uma prática sistematizada para o contexto de estudo; e a implicação é a efetividade e a clareza dos posicionamentos dos participantes assumidas em relação ao problema inicialmente elencado.

Neste tipo de estudo é fundamental ter um equilíbrio entre os objetivos de pesquisa e os objetivos de ação. Segundo Thiollent (2011, p.24), a pesquisa-ação deve ser realizada buscando um equilíbrio entre esses dois objetivos:

“• Objetivo prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação. Este tipo de objetivo deve ser visto com “realismo”, já que nem todos os problemas têm soluções a curto prazo. • Objetivo de conhecimento:

obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização etc.)” .

O desenvolvimento do estudo ocorreu em três momentos: 1 – Negociação de acesso (fase da explicação); 2 – desenvolvimento das interações (fase da aplicação) e 3 – implicações do processo. Na fase de negociação de acesso houve observação participante durante 3 semanas do contexto a ser estudado e foi realizado um questionário com perguntas abertas a fim de conhecer o contexto da turma, os significados atribuídos à Educação Física, às práticas já conhecidas e as que gostariam de praticar. A observação participante é um procedimento de coleta de dados que pode ser conceituado como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (May, 2001, p.177).

Nesta fase do estudo a permanente comunicação com os atores sociais envolvidos permitiu a identificação de um problema, onde foram pensados possíveis planos de ação para superá-lo.

No segundo momento, ocorreu o período de desenvolvimento das interações, realizado durante o período de Estágio Supervisionado, duas vezes na semana durante as aulas de Educação Física, foi estimulada a problematização coletiva das características das aulas, das estratégias e métodos de ensino utilizados fomentando rodas de conversa para identificar se os conhecimentos mobilizados dialogavam com o contexto das próprias alunas e da sociedade contemporânea. Assim, foram oportunizados espaços de debate e tomada de consciência para que o grupo de atores identificassem aspectos que poderiam melhorar nas aulas, traçando coletivamente estratégias de superação de possíveis barreiras educacionais identificadas. Todas as informações foram registradas no diário de campo, que segundo Lewgoy et. al., (2004, p.124) é:

“...um documento pessoal-profissional no qual o aluno fundamenta o conhecimento teórico-prático, relacionando-o com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social”. O mesmo consiste em uma forma de registro frequente dos acontecimentos do campo de estudo, estes registros foram fundamentais, pois contribuíram para a interpretação dos fatos e suas implicações no contexto. “

No terceiro momento, período de implicação, focamos em reconhecer as aprendizagens do estudo. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas com os atores sociais envolvidos, conduzidas e fundamentadas nos estudos de Negrine (2017, p.73), que assinala a entrevista como uma conversação entre duas pessoas, com o instrumento de coleta já estabelecido para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador. Entretanto, houve possibilidades de realizar explorações não previstas, permitindo que o entrevistador introduzisse novos elementos para auxiliar na compreensão das perguntas favorecendo assim a riqueza das informações. As atividades relacionadas à prática investigativa – geração e interpretação de informações, tomadas de decisão a respeito de ações e o conhecimento adquirido a partir destas.

Durante as observações na turma e anterior às minhas intervenções de estágio, foi aplicado um questionário na turma a fim de conhecer o contexto da mesma, os significados atribuídos a Educação Física, as práticas já conhecidas e as que gostariam de conhecer. O questionário continha perguntas abertas e foi estruturado previamente pela autora do trabalho. Negrine (2017, p.81) ratifica que “os questionários devem estar estruturados com uma série de perguntas escritas, elaboradas previamente, com finalidade de averiguar a opinião dos sujeitos a qual se destinam, sobre algum tema específico”. Entendemos assim, que o questionário não é usado para testar a capacidade de quem o responde, mas para conhecer sua opinião, contexto onde se insere, atividades que desenvolve e etc.

A análise dos questionários foi realizada por meio da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2006). Para Bardin (2006), a análise de conteúdo, enquanto método, utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Corroborando a isto, Chizzotti (2006) afirma que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Denzin & Lincoln (2000), ressaltam em sua obra o papel do caráter crítico da pesquisa, pois estas etapas envolvem diversos simbolismos que precisam ser decodificados, de tal maneira que o pesquisador se esforce para desvendar o conteúdo oculto como destaca Triviños (1987, p.124). Além disso, através da pesquisa-ação é possível estudar a dinâmica da transformação que ocorre entre os agentes e na situação estudada.

2.2 Abordagem aos Participantes

Ao início do primeiro semestre acadêmico, houve o contato com a escola campo do Estágio Supervisionado III da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana para a solicitação de espaço para estágio e seleção de turma, onde foram disponibilizadas duas turmas de 8º ano, com três períodos semanais de 45 minutos, sendo dois agrupados na quarta-feira e um quinta-feira. Concomitante com o contato com a escola, iniciou-se as observações na turma, conhecimento dos espaços da escola, de seu contexto e das alunas. Durante o período de observação identificou-se a compreensão da Educação Física na escola vinculada aos esportes coletivos voltado ao aspecto procedimental (saber fazer). Assim, após o estudo do Planejamento da Educação Física percebeu-se a necessidade de um projeto que ampliasse os entendimentos sobre a cultura corporal do movimento, a fim de (re) significar o Componente Curricular para a turma.

Os cuidados éticos deste estudo estão de acordo com as resoluções nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, os responsáveis pelos participantes do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) consentindo em oferecer informações para o mesmo.

2.3 Aproximação com o contexto

2.3.1 Características da escola

O projeto foi desenvolvido em uma turma de Educação Física da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Hermeto, localizada na Rua Júlio de Castilhos, 3256, no bairro Centro, na cidade de Uruguaiana- RS. O contexto no qual a escola está inserida, situa-se no centro do município em uma zona urbana, no entorno de moradias e comércios, acolhendo principalmente estudantes de classe média. Atende aproximadamente cerca de 2.157 alunos entre os turnos manhã, tarde e noite. Atualmente a escola conta com 122 professores entre os três turnos, sendo quatro professores de Educação Física. A instituição é referência de ensino no município tendo como resultado do último IDEB (Índices de Desenvolvimento da Educação Básica), registrado no ano de 2015, a média de 6.4, onde conseguiu atingir o desempenho acima da meta projetada para o ano, de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2015).

2.3.2 Dos atravessamentos do contexto regional no trabalho docente

Considerando que a escola é estadual e inúmeros fatores atravessam a educação pública acabam por refletir, por vezes, dentro da sala de aula, cabe destacar a situação dos professores da rede pública estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Sul que no início dos anos 2000

lideravam o ranking dos salários do país. Hoje, após diversos ajustes insuficientes a situação se inverteu e os professores recebem o pior salário do país, além disso, o atual governo parcelou o pagamento dos salários dos servidores públicos devido à crise financeira. Na folha salarial de agosto de 2017 os professores receberam a importância de R\$ 350,00 reais apenas.

2.3.4 Caracterização da Educação Física na escola

A Educação Física na escola é organizada por turmas, divididas por sexo, e as aulas são desenvolvidas no turno oposto em três períodos de 45 minutos, duas vezes na semana, sendo dois destes períodos agrupados em um dos dias.

Ao analisar o Plano de Ensino do componente para o primeiro trimestre percebi a forte presença dos esportes coletivos no planejamento. E, embora, a Educação Física ofereça outras práticas no plano de ensino, não relacionadas a estes, como o atletismo e as ginásticas, as alunas não mencionaram conhecer outras práticas se não os esportes coletivos.

Na cidade e região a escola é reconhecida pelo potencial de suas equipes (treinadas em horários separados das aulas de Educação Física) nos campeonatos em que participa e na comunidade, assim, é notório a presença do esporte de rendimento na escola que reflete na Educação Física escolar.

Em relação a estrutura física disponível para as aulas de Educação Física, a instituição possui um ginásio poliesportivo considerado como uma das melhores estruturas da cidade, além de três quadras poliesportivas externas sem cobertura, e uma quadra de areia. Além disso, ainda há a possibilidade de agendamento para uso do salão que dispõe de cadeiras, um palco e projetor. E, em relação aos materiais para as aulas, a escola dispõe de ampla variedade de materiais como, bolas de diversas modalidades, colchonetes, cones, redes, blocos de partida, pesos, discos, entre outros, todos em boas condições, que possibilitam a prática de diferentes modalidades e manifestações da cultura corporal do movimento.

2.3.5 Sujeitos da Pesquisa

A intervenção envolveu um professor de Educação Física e uma turma de 24 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas de Educação Física, em atividades estreitamente ligadas ao componente curricular de Estágio Supervisionado III do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaiana.

A turma era composta por 24 meninas com faixa etária de 12 a 14 anos, onde, a maioria é moradora do entorno da escola, e aproximadamente metade da turma praticante de alguma atividade física fora do ambiente escolar. Grande parte da turma estuda na escola há 9 anos.

O professor participante encontra-se há sete anos em sua trajetória docente na escola, atua na área curricular de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental. No que diz respeito a sua formação acadêmica, formou-se em Educação Física Licenciatura Plena no ano de 2007 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, possui duas pós-graduações *lato sensu* não relacionadas a licenciatura, sendo elas, Saúde e Bem-estar (Universidade Anhanguera – UNIDERP, 2009) e Estratégia da Saúde da Família (Universidade de Brasília, 2014), atualmente está cursando pós-graduação em Atividade Física e Saúde pela Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaiana. O mesmo atua na área da saúde há dois anos, como coordenador do Doenças e Agravos Não Transmissíveis – DANT’s – Uruguaiana.

2.4 A pesquisa-ação

O Projeto que recebeu o nome de “Educação Física Escolar: um campo aberto para diferentes práticas corporais” apresentava para as alunas uma oportunidade de ampliação na perspectiva do Componente Curricular, baseado na necessidade de inserirmos na escola diferentes manifestações corporais das quais as alunas estavam acostumadas a praticar, estratégias pedagógicas de descentralização docente e oportunidade de atribuírem diferentes significados às já praticadas. Durante 14 semanas de intervenção, tematizando danças, práticas corporais de aventura e ginásticas desenvolvendo as três dimensões do conhecimento (conceitual, atitudinal e procedimental) desenvolvemos juntos um novo olhar para a Educação Física na escola, além do saber fazer. Após o período de intervenção continuei acompanhando as aulas do professor titular da turma que deu continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido.

Para um melhor entendimento o detalhamento de cada aula desenvolvida durante a investigação e as reflexões após as mesmas encontram-se em anexo. (ANEXO 1)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reconhecendo os significados de Educação Física para os sujeitos

Conforme relatado anteriormente, durante as observações foi realizado um mapeamento a fim de conhecer o contexto da turma, os significados atribuídos a Educação Física, as práticas

já conhecidas e as que gostariam de conhecer, tais informações foram imprescindíveis para o planejamento da ação nas aulas seguintes.

Visando prezar pela identidade dos envolvidos foram utilizadas apenas as iniciais dos nomes dos sujeitos para expor as percepções dos mesmos nos questionários.

Para compreender o significado que as alunas atribuíam ao Componente Curricular foi realizado o questionamento “*O que é Educação Física para você?*” a questão permitia multirespostas. Assim, foram analisadas as respostas das 24 alunas que participaram da coleta. Onde 33,33% conceituaram a Educação Física como meio de promoção a saúde, 26,66% consideram a Educação Física como prática de esporte, 23,33% vincularam a Educação Física a prática de exercícios ou atividade física, 6,66% responderam que Educação Física é um momento de diversão/descontração, 6,66% agregaram ao componente o aprendizado/desenvolvimento de habilidades e 3,33% declarou que Educação Física é um componente obrigatório para aprovação. Como verificamos na tabela abaixo:

Tabela 1 - Compreensão de Educação Física

Resposta dos alunos	%
Aprendizado/Desenvolvimento de habilidades	8,33
Componente Curricular Obrigatório	3,33
Diversão/Descontração	6,66
Esportes	26,66
Exercício/Atividade Física	23,33
Promoção à saúde	33,33

Fonte: Questionário de mapeamento aplicado pela autora.

Eu quero ver gol – Educação Física relacionada ao esporte

Em relação aos esportes, 26,66% da turma responderam com a mesma compreensão de que a Educação Física tem como principal objetivo aprender esportes, entendendo-se que as aulas estão resumidas ao “jogar bola”, como denominado por alguns alunos, e/ou exercícios físicos associados à saúde.

Como pode ser percebido nas afirmações de dois alunos:

- “*Jogar bola*” (ALUNA H.S., Questionário/Mapeamento, 05/04/2017);
- “*É praticar um esporte*” (ALUNA L.V., Questionário/Mapeamento, 05/04/2017).

Segundo Neira (2006), por trás de toda a prática educativa há implícita uma concepção de aprendizagem. Dessa forma, é importante o professor deixar claro seus objetivos, não bastando largar a bola para seus alunos e esperar que os mesmos aprendam sozinhos.

Deste modo, ser professor de Educação Física vai além do propício e conveniente comodismo do “rola bola”. A Educação Física é um Componente Curricular como os demais e o compromisso dos professores é oportunizar uma prática pedagógica coerente com os objetivos elencados pelos documentos oficiais como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

A Base Nacional Comum Curricular (2016) propõe uma diversificação das práticas corporais tematizadas e, na abordagem das dimensões de conhecimentos que organizam os objetivos de aprendizagem do componente Educação Física. Mas, não objetivando unicamente o desenvolvimento de gestos motores, os conteúdos devem ser trabalhados na escola buscando contribuir para a formação plena do estudante, estimulando, também, sua consciência sobre a prática e as contribuições desta para sua vida.

Para um ensino de qualidade é necessário aprofundar os conhecimentos, e é importância que o professor vá além do aspecto procedimental de aula, aproveitando as outras dimensões de aprendizado. Por exemplo, se os alunos preferem futsal, não há problema que o mesmo seja trabalhado, desde que os discentes apreendam quais as táticas e técnicas, e que reconheçam quais as implicações desse esporte na nossa sociedade. Ainda sobre os esportes, Shigunov (1994, p.89 apud Nascimento e Garcez, 2013) completa:

“A partir da entrada na escola, os desportos poderão desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento corporal e social dos alunos, desde que se relacionem com os fatores gerais da educação, numa exploração organizada, direcionada para os objetivos multidisciplinares, característicos do processo ensino-aprendizagem atualmente proposto e visando ao desenvolvimento das potencialidades, bem como á integração na vida em sociedade.” (SHIGUNOV, 1994, p. 89)

A Educação Física é um componente curricular repleto de possibilidades para trabalhar, não compreendendo somente os esportes. Darido (2010, p.19 apud Nascimento e Garces, 2013) concorda com este ponto de vista quando diz que:

“Em virtude da ênfase remetida somente o modelo esportivista, a Educação Física tem deixado de lado importantes expressões da cultura corporal produzidas ao longo da história do homem, bem como o conhecimento sobre o próprio corpo. Tais expressões – as danças, as lutas, os esportes ligados à natureza, os jogos – e conhecimentos podem e devem constituir-se em objeto de ensino e de aprendizagem.” (DARIDO, 2010, p.19)

Saúde é o que interessa: Educação Física como promoção a saúde

De acordo com as respostas dos alunos, percebemos que as aulas de Educação Física também eram vistas como método de promoção de saúde através dos esportes, e/ou atividades físicas, onde por meio da prática é proporcionada a saúde, “*é um esporte que ajuda na nossa saúde*” (ALUNA A.Q., Questionário/Mapeamento, 05/04/2017).

Porém, no contexto escolar a Educação Física é uma ferramenta de auxílio para o aluno, como um dos pontos para buscar uma vida saudável, não se resumindo em apenas proporcioná-la. De maneira que não seja atribuída à Educação Física Escolar a responsabilidade pela promoção da saúde no contexto escolar. Além disso, os Parâmetros Nacionais Curriculares Nacionais (1998), destacam que saúde é um tema transversal sendo responsabilidade de todos os componentes curriculares.

É importante salientar que a Organização Mundial da Saúde (1948), considera como saúde não apenas a ausência de doenças, mas o estado de completo bem-estar físico, considerando também o bem-estar mental e social. Portanto, a participação nas aulas de Educação Física regular pode implicar em questões subjetivas de saúde e o bem-estar dos envolvidos. Assim, a saúde, pode ser vista não apenas como uma categoria médica ou fisiológica, mas ainda como uma categoria pedagógica, sendo em suas dimensões políticas, sociais, culturais, biológicas e/ou psicológicas (MARQUES & GAYA, 1999).

A saúde é um direito da sociedade, sua promoção intencionalmente pedagógica deve configurar-se com ênfase no plano de ensino e no projeto político-pedagógico da escola, não sendo tarefa única e exclusivamente do professor de Educação Física (GUEDES & GUEDES, 1995).

O que eu quero é ser feliz – Educação Física vista como Diversão

Alguns alunos se referem à aula como momento de diversão, “*Oportunidade de jogar com as colegas*” (ALUNA H.S., Questionário/Mapeamento, 05/04/2017), e tempo de descontração, assim descrita pela aluna: “*É praticar exercícios e fazer novas amizades*” (ALUNA E.M., Questionário/Mapeamento, 05/04/2017). É notório que a Educação Física tem significado de diversão para os alunos, momento onde podem descontrair-se e estarem juntamente com os colegas.

“Os alunos, por sua vez, não deixaram de utilizar o tempo/espço desse componente curricular de diversas maneiras, tais como: relaxamento das tarefas demandadas por outras disciplinas; tempo e espaço de encontro com os amigos; possibilidade de realização de suas práticas de lazer; momento de ócio, etc.” (MORAES et al, p. 217, 2006).

De acordo com Dumazedier (2001) o momento livre de obrigações em que as pessoas se divertem é denominado lazer, porém, fora de compromissos, dito como horário de trabalho, e neste caso, fora do horário de aula, pois Educação Física é um componente curricular obrigatório. Ou seja, tem intenção pedagógica, plano de ensino.

Levando em conta que um dos conteúdos que fazem parte da estrutura da Educação Física são os jogos e brincadeiras, de que forma devemos proceder para que a disciplina não seja vista como um “tempo livre”? Já que para eles, é um momento sem “pressão”, é um tempo de refrescar a cabeça, sem terem que ficar sentados em sala de aula (na maioria das vezes), como nos demais componentes curriculares.

Aqui percebemos a importância do planejamento ser claro, se vamos desenvolver jogos e brincadeiras, que seja, de maneira planejada e organizada, para que os alunos percebam que aquela aula foi planejada e organizada e que há um objetivo dentro deste conteúdo.

Assim, como futuros professores de Educação Física, fica clara a importância de repensarmos a prática constantemente, objetivando a preparação de aulas inovadoras, que envolvam nossos alunos de maneira que os mesmos percebam que Educação Física não é somente jogar bola, ou uma disciplina obrigatória, muito menos descontração, e sim que a Educação Física é um campo aberto de possibilidades e aprendizagens, que possui saberes específicos e importantes para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

Tô aqui porque sou obrigado – Educação Física como Componente Curricular Obrigatório

A Lei de Diretrizes e Bases (1971), trazia a Educação Física apenas como atividade escolar, não sendo obrigatória. Desta forma, a Educação Física era voltada para a aptidão física, excluindo as diferenças e incentivando a discriminação.

Na década de 1990, passaram a entender o objeto de estudo da Educação Física como fenômeno cultural, assim houveram significativas mudanças nas tendências anteriores de Educação Física. Surgiu assim, o termo “cultura corporal de movimento” (Bracht, 1992) trazendo um novo olhar para a Educação Física.

“As manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experimentar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais.” (BRACHT, 2004)

Uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases mudou significativamente a Educação Física na escola a LDB/71 que trazia a Educação Física como atividade, deu espaço para LDB/96 que trouxe a Educação Física como componente curricular *obrigatório* da educação básica, ajustando-se às etapas de ensino e às condições da população escolar, porém facultativa nos cursos noturnos

Atualmente está sendo divulgado um documento que rege a Reforma do Ensino Médio, trazendo uma nova perspectiva para esses anos de escolarização, tornando a Educação Física facultativa em algumas etapas

A partir da compreensão dos significados atribuídos à Educação Física pelas estudantes foi possível organizar um plano de ensino e planejar aulas que problematizassem cada entendimento, estimulando a reflexão crítica e contribuindo para a formação plena das mesmas.

O Processo de Ressignificação: um novo olhar ao tradicional

O mapeamento possibilitou um olhar para a Educação Física que as alunas tinham e sobre como entendiam aquele momento de aula. A partir disso, organizei um primeiro contato para problematizarmos esse olhar e pensarmos juntas sobre estratégias de ampliar as possibilidades de aprendizado. Assim, em conjunto com as estudantes e o professor titular da turma pensamos estratégias onde fosse possível ampliar o entendimento da Educação Física escolar, sendo elas, variação nas manifestações corporais, o uso de diferentes espaços e

materiais para as aulas, novas propostas de ensino-aprendizagem, protagonismo discente, entre outras.

Tematizar a Educação Física sem utilizar o recurso material “bola” foi um tanto quanto desafiador, no primeiro contato com a turma a aula foi desenvolvida em uma das salas da escola e antes mesmo que eu começasse a aula elas já iniciaram perguntando “*O que nós vamos jogar?*”, antes que eu pudesse abrir a boca para explicar a atividade o questionamento se dava pela questão do local de aula “*Nós não vamos para a quadra?* “. Na verdade, eu sabia que poderia encontrar resistência, afinal, a cultura do esporte é muito forte na escola e desde o início da Educação Física os alunos são limitados a vivenciar as mesmas praticas corporais, que chamamos aqui de quarteto fantástico (voleibol, basquetebol, futsal e handebol). Porém, acredito que tematizar as demais práticas corporais se faz necessário para ampliar os conhecimentos da cultura corporal do movimento e para que essa seja valorizada e entendida como objeto de estudo da Educação Física. Considerando isto, o planejamento se torna fundamental para tornar o processo ensino-aprendizagem significativo, além de, propiciar ao professor refletir a própria prática e proporcionar vivências que possibilitem aos alunos conhecimento e possível adesão a mesma. Gonzáles & Fraga (2012, p. 14) declaram que:

“Para ensinar, é fundamental ter vivências constantes de aprendizagem [...] e confiança de que há algo a ensinar que seja relevante para a vida do educando e do conjunto da sociedade; portanto, é preciso estudar, planejar, preparar, tornar significativo.”

Assim, de maneira dinâmica planejei minhas aulas, no primeiro dia coletivamente discutimos regras de convivência em geral e algumas específicas da Educação Física e, foi neste momento que percebi a quão desvalorizada a mesma é, e não pela escola ou pelos alunos quererem ou não gostarem da disciplina, mas, pela própria “falta” de problematização e argumentação de fatos que ocorrem há anos e são encarados como “normais” e acabaram virando cultura de tanto serem praticados na escola. “*Mas professora, e nos dias que temos que fazer trabalhos, podemos sair mais cedo?*”, tentei ser direta, e explicar de uma forma que elas entendessem que o horário da aula de Educação Física era específico daquela disciplina e não negociável. Perguntei a elas se na aula de Matemática elas saíam mais cedo para fazer trabalhos de História, a resposta foi não, então, continuei questionando o por quê de saírem mais cedo da aula de Educação Física se a disciplina era tão importante quanto Matemática, a resposta foi “*sempre deixaram*”. (Diário de Classe, 12/04/2017)

Tardif (2011), relata que a escola possui uma cultura distinta das culturas ambientais (família, locais, etc.) e que o professor deve integrar nela os alunos. Assim, percebemos a importância do professor estabelecer a Educação Física como componente curricular tão importante quanto qualquer outro, a valorização tem e deve começar pelos docentes para que os alunos percebam o quão importante a Educação Física é.

Outra barreira vencida a partir da problematização foi que **dia de chuva não há aula de Educação Física**, percebemos aqui um vínculo muito grande do componente com o procedimental (saber fazer), e ainda, a aula depender de um local específico para que aconteça. Dispensamos aqueles comentários que em dias de chuva se trabalha o teórico, pois não são somente nesses dias que devemos explorar essa dimensão do conhecimento, acredito que em dias de chuva estaremos na escola como os demais professores e se estaremos lá, terá aula. Darido (2001), frisa que na prática docente não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfases em determinadas dimensões. Contudo, ao longo da história se priorizou os conteúdos em uma dimensão quase que exclusivamente procedimental que acarreta em entendimentos errôneos desta disciplina.

Quando questionadas sobre o que elas faziam na Educação Física no ano passado as alunas destacam o mesmo fato na maioria das vezes, *“Eu só jogava futsal e handebol”* (ALUNA A.L., Entrevista em 16/10/2017), *“O professor só largava a bola e a gente jogava handebol”* (ALUNA L.F, Entrevista em 16/10/2017).

A Base Nacional Comum Curricular de 2016, retrata que nesta etapa de escolarização, além da possibilidade de acessar diferentes fontes de informação, os alunos têm maior capacidade de abstração em relação aos Anos Iniciais, e essas características permitem aos estudantes um maior aprofundamento nos estudos das práticas corporais na escola. Ainda, relata que:

“[...] as aulas de Educação Física, se restringem ao ensino de alguns fundamentos dos esportes mais tradicionais, como futebol, voleibol, basquetebol e handebol, distribuídos ao longo do ano letivo e, ainda, centrados exclusivamente na perspectiva procedimental (saber fazer). “ (BNCC, 2016)

É válido lembrar que determinados tipos de conteúdos (referindo-se a fatos e conceitos) tiveram e ainda têm uma presença desproporcional nas propostas curriculares ao longo do processo histórico da educação. Darido (2001), ratifica que o termo conteúdo foi e continua

sendo utilizado para expressar o que se deve aprender relativo aos conhecimentos de componentes curriculares que apresentam nomes, conceitos e princípios, utilizando o termo “muito conteúdo” como excesso de informações conceituais. Desta forma, passamos a compreender porque os estudantes estabelecem um vínculo entre a Educação Física e a prática, e embora, tenhamos um importante papel contribuindo para que as pessoas compreendam o movimento enquanto cultura, é necessário que as mesmas compreendam o conceito de conteúdo de modo mais amplo como tudo aquilo que se aprende, não visando somente as capacidades cognitivas.

Baseada na proposta da Base Nacional Comum Curricular (2016) e na necessidade de trazer um novo olhar para a Educação Física na escola iniciamos o processo de (re) significação do componente tematizando diferentes práticas corporais, o intuito não era apenas mudar o pensamento das alunas, mas inquieta-las para que não se conformassem com o que era dito, queria transformação de pensamento a partir da problematização, onde era possível refletir, criticar e dialogar.

Ao longo desse processo, pensei em estratégias que motivassem as meninas a querer aprender, forneci estímulos para que elas se sentissem motivadas e, a partir disso, pudessem construir e reconstruir conhecimento, interagindo com os interesses da turma com o intuito de que eles fossem protagonistas dessa construção e não sujeitos da repetição do meu conhecimento. Segundo Lima (2008, p.3-4),

“...a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação. Assim para aprender, os alunos necessitam de vontade e habilidade, integrando os aspectos cognitivos e motivacionais, dependendo do ambiente que ocorrem às práticas pedagógicas, e de quem ensina, no caso, o professor. [...] ao estimular o aluno, o educador desafia-o sempre, para ele, aprendizagem é também motivação, os motivos provocam o interesse por aquilo que vai ser aprendido.”

Uma das aulas que elas comentaram por muitos dias, foi a aula que planejei em cima de um fato ocorrido na escola, ”...*toda a aula que planejo, procuro colocar algo cotidiano e significativo para elas, como na aula da dança contemporânea que tive a ideia a partir de uma fala delas. A aula de hoje foi planejada devido a um acontecimento que ocorreu na semana anterior, em uma das idas até a escola, encontrei um grupo de minhas alunas escutando funk no celular (sem utilizar o fone de ouvido), observei a letra da música na qual elas escutavam e percebi que elas não se incomodavam com os termos que se referiam às mulheres. Então,*

planejei esta aula pensando em problematizar o funk, pedi para que a turma escolhesse coletivamente um funk – neste dia haviam dois meninos que participaram da minha aula – coloquei no quadro a letra conforme eles iam me ditando, enquanto ditavam as palavras eles riam, a aula estava bem descontraída, deixei que a turma se sentisse à vontade para conversarmos qualquer assunto. Quando terminei de escrever, li cada frase e perguntei se concordavam com o que estava escrito, no primeiro momento uma delas riu e disse “ah, eu gosto”, então, fui mais direta, argumentei “tu gostas? Então, se qualquer estranho na rua chegar e pedir pra ti bater a bunda no chão, tu vai achar legal? “, a turma silenciou, e ela me respondeu “não né professora, é só uma música”. Discuti com elas a questão de não ser só uma música, a fim de fazer com que elas entendessem que nem por meio de uma música um homem ou qualquer outra pessoa pode expor o corpo da mulher e não só o corpo até mesmo as mulheres daquela maneira. No final, elas disseram que não tinham se dado de conta das palavras que o funk utiliza e que escutavam frequentemente porque “a batida” das músicas era boa. ” (Diário de Classe, 03/05/2017)

Para Falkenbach (2002), as boas aprendizagens são aquelas que permitem uma ampla possibilidade de agregar novas aprendizagens, ampliando uma capacidade inicial. Corroborando a isso Galvão (2002, p.67) diz que:

“É papel do professor intervir, significativamente nos conhecimentos aos alunos e além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor apresentar, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade”.

Durante o processo, aos poucos as alunas foram reconhecendo o espaço da Educação Física na escola, os discursos foram sendo modificados e o componente sendo (re) significado através de um novo olhar, um olhar crítico e reflexivo, dialogando com o contexto e contemporaneidade.

“*A Educação Física é uma oportunidade de aprender coisas novas.* ” (ALUNA N., Entrevista em 16/10/2017).

“*A parte da dança foi muito interessante e a gente conseguiu aprender vários ritmos, nunca tivemos isso.* “ (ALUNA M., Entrevista em 16/10/2017)

“*A corrida de orientação foi muito legal e ainda foi fora escola... cansei, mas valeu a pena.* “ (ALUNA K., Entrevista em 16/10/2017)

“*Eu gostava de jogar handebol, mas aprender essas coisas também é legal.*” (ALUNA M. C., Entrevista em 16/10/2017)

“Educação Física não é mais só exercícios, é diversidade também.” (ALUNA L., Entrevista em 16/10/2017)

Como método de avaliação levei a proposta de realizarmos uma Mostra de Dança, porém, construiríamos coletivamente desde os critérios de avaliação até a organização do evento. Esta Mostra de Dança ocorreu no dia 05 de junho de 2017 às 19 horas no Salão de Atos da escola, contando com aproximadamente 80 pessoas entre pais, alunos e professores. As alunas deveriam se dividir em grupos, escolher o ritmo e pesquisar suas origens, construir uma apresentação que abordasse o conceito e prática concomitantemente. Durante as aulas, percebi envolvimento de todas as alunas e no dia da própria apresentação me surpreendi com a riqueza proporcionada pelo processo e com os resultados, até as alunas menos participativas na prática dançaram, inclusive as que apresentavam atestado de dispensa da prática. González & Fraga (2012), afirmam que é preciso criar situações para que os alunos usufruam das práticas corporais estabelecendo-as como parte da cultura corporal do movimento enquanto objeto de estudo da Educação Física, quando diz que:

“ Para que a cultura corporal de movimento se consolide como objeto de estudo da Educação Física, é preciso criar condições para que os alunos se apropriem, problematizem, experimentem e estudem as práticas corporais de modo que lhes seja permitido lidar de forma crítica e criativa com este conhecimento. ” (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p. 77).

Figura 1 - Mostra de Dança



Fonte: Diário de Classe da autora.

Participaram desta Mostra de Dança um aluno que não era da turma, mas que compareceu frequentemente em todas as aulas até o final do estágio e três alunas que apresentavam atestado médico e o retiraram da secretaria para que pudessem participar das aulas de Educação Física do próximo trimestre.

“Na aula de hoje estavam presentes todas as alunas, inclusive as que tem atestado. A Mostra de Dança instigou as mesmas a participarem das aulas e elas perguntaram se poderiam retirar o atestado da secretaria para o trimestre que vem, comentei com elas que sim, mas que após a retirada do atestado elas teriam que se comprometer com as aulas, pois não teriam respaldo para a não prática. ” (Diário de Classe, 07/06/2017)

Aos poucos percebi que, na tentativa de fazer com que elas valorizassem a Educação Física reconhecendo-a como componente curricular igual aos demais, incentivei a busca por outros conhecimentos da área, as alunas já eram as protagonistas do seu próprio conhecimento e aguardavam o momento da aula em que eu abordaria a dimensão conceitual se preparando anteriormente para isso, como podemos ver em uma das aulas em que tematizamos ginástica acrobática.

“Nas atividades de hoje percebi maior envolvimento das meninas[...] Durante o mitos e verdades, um grupo de alunas estava acertando a maioria das respostas, estranhei, pois, as

mesmas relataram não conhecer a modalidade, perguntei como elas sabiam e elas disseram terem lido após a aula de ginástica rítmica, pois elas já sabiam as características da ginástica artística e rítmica e queriam saber sobre acrobática. Pensa em uma professora feliz, fiquei impressionada com a motivação delas em buscar conhecimento teórico sobre uma prática desconhecida. ” (Diário de Classe, 01/06/2017)

E elas mesmas passaram a gostar da dimensão conceitual trabalhada na Educação Física, *“A gente aprendeu o porquê as coisas são importantes, antes a gente só fazia mesmo. ”* (ALUNA N., Entrevista em 16/10/2017)

Apresentar novas possibilidades pode sim fazer a diferença, porém, é necessário que venhamos sair do comodismo, pensar a Educação Física problematizando as aulas, trabalhando metodologias ativas e possibilitando refletir a própria prática. Machado (et.al, 2010, p.130) aponta uma das posturas pedagógicas encontradas nas escolas atualmente:

“... um dos fenômenos que mais chama a atenção no panorama atual da prática pedagógica em Educação Física nas nossas escolas é que muitos professores resumem sua ação a observar os seus alunos na quadra enquanto eles realizam atividades que eles mesmos escolheram ou, então, aquelas que são possíveis em função do tipo de equipamento e material existente (quase sempre futebol ou futsal, queimada ou mesmo voleibol) “.

A partir deste momento as alunas passaram a querer divulgar que a Educação Física não era só esporte e comentavam o tempo todo com os demais colegas que não participavam do componente o quão legais estavam sendo as aulas. Aproveitando este entusiasmo pensei em uma aula que elas pudessem expor para outras pessoas essas novas oportunidades que estavam vivenciando no componente de Educação Física, assim, ao tematizar as práticas corporais de aventura na modalidade de corrida de orientação, solicitei que as alunas filmassem o percurso e posteriormente postassem o vídeo em suas redes sociais junto de um texto que possibilitassem outras pessoas conhecerem aquela manifestação da Educação Física, como o vídeo ficou muito longo as meninas tiraram fotos após a corrida para postarem. Esta aula foi desenvolvida no Parque Dom Pedro II (espaço público da cidade) com o intuito de que as alunas reconhecessem esse espaço da cidade como possível espaço para a prática da Educação Física escolar.

Figura 2 - Atividade publicada em rede social.



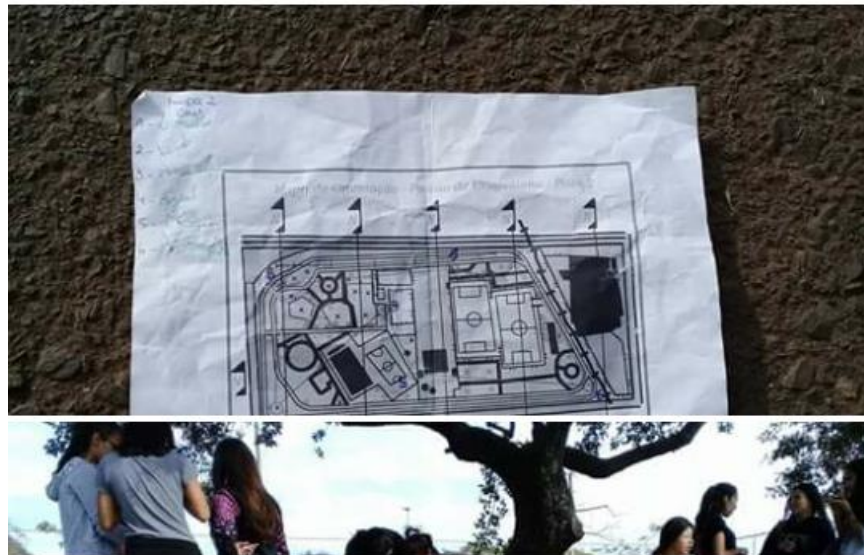
Mafe Flores adicionou 2 novas fotos —
com **Faelly Albuquerque** e outras 3
pessoas.

14 h • Uruguiana • 🌐



No dia 14 de junho, na aula de Educação Física tivemos a oportunidade de vivenciar a corrida de orientação. Foi muito interessante, pois nunca havíamos praticado este esporte em nossas aulas. Este ano nas aulas de Educação Física estamos tendo experiências novas e muito legais que nos levam a perceber que Educação Física não é só jogar bola.

#educaçãofísicaescolar #corridadeorientação #EstágioUnipampa #ProfCarol



Fonte: Rede Social da estudante

Allan (2013), defende que ao invés de coibir o uso do celular, as escolas deveriam incorporá-lo como um recurso que já tem uma forte ligação com a rotina dos estudantes, afirmando que estes quando aplicados em um planejamento bem elaborado podem contribuir envolvendo os alunos fortemente no processo de ensino aprendizagem através de atividades desafiadoras e que são conectadas ao cotidiano do aluno.

Parte do objetivo geral do meu projeto de ensino era oportunizar a prática de diferentes manifestações da cultura corporal do movimento, a fim de propiciar a adesão das práticas corporais para alunas, percebi que o objetivo estava se encaminhando em uma das aulas que

encontrei eles na quadra da escola realizando movimentos gímnicos. *“Hoje foi mais um daqueles dias em que sai satisfeita da aula, e não foi por acontecimentos dentro dela, mas sim após o término da mesma. Durante uma discussão em aula no componente de PCC VII, uma das características citadas para a conclusão do comportamento social em relação a influência do esporte era que após as aulas ou durante o tempo livre que os estudantes tinham, os mesmos procuravam jogar nas quadras da escola futsal ou basquete. Quando a aula terminou, liberei os alunos e demorei um tempo para guardar os materiais que utilizamos na aula, ao sair do ginásio encontrei elas ensinando outros colegas os movimentos aprendidos em aula, fiquei observando por um tempo e a brincadeira era cruzar a quadra fazendo estrelinha, tinham como uns 12 estudantes na quadra praticando a ginástica em seu tempo livre. Isso me deixou contente, não julgando os esportes coletivos como os vilões, mas para quem conhece a cultura dos esportes dentro da escola, sabe da alegria que senti ao vê-los realizando movimentos gímnicos fora do horário de aula. “ (Diário de Classe, 17/05/2017)*

Assim, concordo com Gonzáles & Fraga (2012, p. 24-25) quando dizem que:

”A escolha dos conteúdos [...] exige aprendizagens colaborativas que possibilitem ao educando aprender e fazer com o outro, aprender a conhecer e articular conhecimentos, e aprender a ser protagonista de decisões e ações, tomando como referência valores estéticos, políticos e éticos para a convivência social. “

Além disso, os espaços disponíveis para as aulas de Educação Física não podem limitar o desenvolvimento dos temas de aula, os alunos precisam perceber que é possível utilizar esses espaços para além do jogo, como por exemplo a quadra poliesportiva sendo utilizada em um momento de lazer para práticas de ginástica.

Por fim, ressalto que não trato os esportes coletivos como vilões nas escolas, acredito que os mesmos quando trabalhados de maneira crítica possam contribuir grandemente na formação dos educandos como relato em meu diário de classe: *“Embora, eu tenha percebido uma mudança significativa nelas em relação aos pensamentos das manifestações corporais da Educação Física, o processo tem que ser contínuo, sempre que tenho oportunidade faço uma problematização disso, e como disse em alguma das minhas reflexões, não estou tratando os esportes coletivos como os vilões, mas quero que elas percebam que a Educação Física tem outras diversas possibilidades. “ (Diário de Classe, 24/05/2017)*

Quando me refiro a ensinar os esportes coletivos de maneira crítica penso no ensino não focado exclusivamente no aspecto procedimental, como Darido (2001, p. 55) ao relatar que:

“[...] não basta ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou, mesmo, as capacidades físicas. É preciso ir além e ensinar o contexto em que se apresentam as habilidades ensinadas, integrando o aluno na esfera da sua cultura corporal. “

E ainda acreditando que é possível,

“ [...] o ensino aprendizagem dos gestos técnicos podem ser viabilizados aos alunos, mas que a intenção central é que a prática pedagógica do professor promova a reflexão e crítica sobre aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais dessas práticas, o que não exclui o conhecimento da cultura a respeito da técnica. “ (RODRIGUES; DARIDO, 2008, p. 140)

Para Freire (1996), o processo de aprender pode provocar uma curiosidade crescente e quanto mais crítico esse processo maior a capacidade de aprender e construir, desenvolvendo uma curiosidade epistemológica capaz de recusar o ensino bancário, onde os conhecimentos do professor são apenas transmitidos.

Da (re) significação à valorização

Durante o processo de (re) significação que se deu durante as intervenções percebeu-se um empenho da turma em mostrar à comunidade escolar a Educação Física que elas estavam tendo a oportunidade de conhecer. Em vários momentos da aula refletíamos o espaço da Educação Física dentro da escola e lembro-me de uma das falas de uma aluna que não participava das aulas respaldada por um atestado médico – *“Eu só comecei a vir na aula porque gosto dessa nova Educação Física”* – me emocionei com essa fala, não pelo fato de que através da intervenção elas estavam indo a aula e sim por entenderem que aquilo era novo, não é novo é o direito de todo o estudante, mas continuei a problematização a fim de que elas entendessem que embora as práticas corporais que elas estavam vivenciando fossem “desconhecidas” por elas, não era uma nova Educação Física e sim a Educação Física escolar que elas tinham direito.

Segundo Darido & Souza Jr (2010), é imprescindível diversificar as vivências experimentadas nas aulas para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais. Desta forma, aumentando as chances de uma possível identificação com algumas das manifestações desenvolvidas durante este período, assegurando assim, a todos os alunos o direito da aquisição do conhecimento produzido pela cultura corporal.

Após o período de intervenção continuei acompanhando as aulas do professor titular da turma que deu continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido, problematizando e prezando por uma Educação Física capaz de formar cidadãos críticos e reflexivos.

“Através da Educação Física é possível trabalhar a questão do respeito, solidariedade, diferenças dentre outros pontos tão importantes para a formação do caráter social dos alunos, e tudo isso sem perder a especificidade do componente. ” (Professor A. C., Entrevista, 28/11/2017).

Como destaca Freire (1996, p. 33): “É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. ”

Ressalto que até o presente ano as alunas nunca tiveram contato com esse professor, pois o mesmo só ministra aulas para os oitavos e nonos anos da escola. Porém, o entendimento que as mesmas possuem da disciplina em relação a utilização prioritariamente da quadra, da liberação das aulas para realização de trabalhos de outros componentes e da Educação Física como o jogo de bola pode ser resquício dos longos anos vivenciando a mesma cultura.

“Um dos pontos positivos das estratégias utilizadas neste trabalho foi que a partir do desenvolvimento de outras manifestações da cultura corporal o entendimento das alunas foi modificado em relação as aulas de Educação Física e conseqüentemente diminuiu o vício pelos jogos, pois as meninas só queriam jogar handebol no início do ano. ” (Professor A. C., Entrevista 28/11/2017)

Nesta oportunidade de acompanhamento realizei as entrevistas a fim de entender o que elas compreendem como Educação Física após a intervenção. A todo momento percebemos que as alunas frisam a questão do esporte, mas não o retirando das práticas das quais a Educação Física pode tematizar, e sim, mencionando que é possível outras práticas serem trabalhadas pelo componente, como é possível notar em uma das respostas para a questão **“O que é Educação Física para ti hoje? ”**.

Muitas coisas, inclusive o esporte, mas também dança, corrida de orientação, ginásticas, etc. (F.B., Entrevista em 16/10/2017)

Cabe destacar que, a Base Nacional Comum Curricular em sua 2º versão publicada em abril de 2016, traz como meta para Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental,

dentre outros, o experimentar, fruir e apreciar de diferentes danças, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura e também os esportes valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo, e ainda, usar práticas corporais para potencializar o envolvimento em contextos de lazer e ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.

Algumas das alunas chegam a incluir a cultura como um dos entendimentos sobre a Educação Física, como vemos no exemplo abaixo:

“Ai, hoje é uma coisa bem diferente do que eu pensava antes. Hoje a gente pode vim aqui e aprender um monte de coisas, cultura e todas essas coisas que a gente não aprendia antes.” (ALUNA M.F., Entrevista em 16/10/2017)

Entendo que a Educação Física escolar, como componente curricular de ensino que tem o dever de contribuir com os demais educadores em processos significativos acerca da cultura, pois além de contemplar as práticas da cultura corporal, pode dialogar sobre contribuições e diferentes influências na nossa cultura. Além disso, Barni & Schineider (2008, p.4) trazem que:

“[...] a Educação Física está lutando para ser compreendida como parte integrante da cultura escolar, isto é, enquanto um componente que desenvolve atividades expressivas dos alunos tais como: jogos, ginásticas, danças esportes, brincadeiras, lutas... enfim, como um componente que prima pela produção de cultura do educando.”

Outro ponto a ser destacado neste item é de que, na busca de compreender os significados atribuídos à Educação Física após a intervenção, argumentamos qual o motivo do pensamento ter sido modificado, através da pergunta **“Tu entendes Educação Física de uma forma diferente hoje? Por quê?”**.

“Sim, porque eu acho que as aulas desse ano me ajudaram bastante a aprender mais sobre a Educação Física, que não é só jogo e não é só vir aqui fazer os exercícios e os aquecimentos.” (ALUNA M.F., Entrevista em 16/10/2017)

“Sim, porque antes meu pensamento era que era só jogar bola e deu. Só que daí a gente aprendeu um monte de coisa diferente tipo danças, ginásticas... isso fez mudar.” (ALUNA A.L., Entrevista em 16/10/2017)

“Sim, depois que virou esse ano tudo mudou então acabou que meu entendimento sobre a Educação Física foi bem diferente do ano passado.” (ALUNA E., Entrevista em 16/10/2017)

“Sim, porque eu aprendi mais coisas e eu comecei a ver de um jeito diferente não só como era antes, só esporte, só correr... e isso eu comecei a ver fazendo novas coisas.” (ALUNA F., Entrevista em 16/10/2017)

Por intermédio das falas das alunas percebe-se que, através do aprendizado de novas práticas, do uso de outros espaços e materiais para as aulas, da incorporação de postura docente descentralizadora, foi possível motivar as estudantes a compreenderem a Educação Física de uma maneira diferente. Chicatti (2000), infere que o professor deve estar consciente da busca por conteúdos motivantes, para que se consiga atender aos interesses contidos nas turmas.

Uma ferramenta imprescindível nesse processo foi o planejamento que para Libâneo (2013) é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações, pois se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho ficaremos à mercê dos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. Freire (1996, p.22) rela que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teórica/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo”. E isso é perceptível pelos estudantes, em resposta da pergunta **“As aulas este ano foram diferentes? O que tu notaste que mudou?”**, em resposta obtivemos:

“O planejamento e o professor também. Tem alguns professores que fazem o trabalho por fazer e tem uns que fazem esse trabalho por gostarem desse trabalho, escolheu esse trabalho porque gosta e não por obrigação e aí faz bem feito.” (F. B., Entrevista em 16/10/2017)

Como diz Nóvoa (2007, p.18):

“Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas à distância outras menos, mas nada substitui o bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar.”

Além disso, o processo de escuta do outro, do reconhecimento do outro e de diálogo para um planejamento com significados para todos foram fortes aliados para o andamento deste trabalho.

“Principais pontos que eu acho interessante mencionar, pois acho que foram positivos para o andamento do trabalho: respeito e interação entre os próprios alunos e entre os alunos

e professores, que a todo momento era perceptível nos diálogos e tomadas de decisões sejam elas individuais ou coletivas. “ (Professor A. C., Entrevista em 28/11/2017).

Corroborando a isto, Freire (1996, p.86) traz:

“A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto ouve. O que importa é que o professor e o aluno se assumam epistemologicamente curiosos.”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento, com base nos conhecimentos adquiridos durante o processo de formação dos alunos até o momento da pesquisa compreendemos o significado atribuído ao componente curricular de Educação Física fortemente relacionados com o esporte e a saúde.

Sem dúvidas, destaco aqui que os alunos entendem a Educação Física de seu modo a partir do contexto social da realidade escolar. Neira (2016), ressalta que “Todo sujeito é formado em meio aos significados produzidos em sua cultura”, e assim como os professores podem priorizar determinadas concepções e procedimentos que utilizam em suas aulas a partir da influência do contexto de sua formação, o entendimento do aluno pode ser influenciado da mesma maneira, e como já dito, ações expressas no currículo escolar como consequência da cultura escolar podem imprimir marcas significativas ou negativas no grupo social no qual se insere.

Foi possível verificar que a Educação Física para elas se encontrava limitada ao ensino do quarteto fantástico, e ainda o ensino focado prioritariamente ao procedimental, tornando o entendimento sobre o componente restrito. González & Fraga (2012), apresentam a Educação Física como um componente curricular responsável pela tematização da Cultura Corporal de Movimento, que tem por finalidade potencializar o aluno para intervir de forma autônoma, crítica e criativa nessa dimensão social.

Deste modo, é notória a importância de planejar aulas que abranjam todas as áreas do conhecimento, pois a Educação Física não se limita apenas ao ensino do aspecto procedimental. Além disso, tematizar outras manifestações da cultura corporal do movimento se faz necessário nos anos finais do ensino fundamental, considerando que a maioria das escolas de Uruguaiana utilizam o formato de clubes na Educação Física no Ensino Médio, onde cada professor prioriza

uma modalidade específica para ser desenvolvida durante todo o ano letivo, assim, os alunos podem escolher a manifestação de seu interesse. Este formato de ensino, parte do pressuposto que durante o Ensino Fundamental os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar, praticar e experimentar as diversas manifestações corporais que a Educação Física tem a oferecer, e assim, ter a capacidade de escolher a que mais lhe seja prazível.

Assim, a postura adotada pelos professores (mas não somente deles) têm grande influência nos entendimentos que os alunos possuem do componente, pois o entendimento das estudantes foi modificado a partir das aulas e problematizações de situações que também aconteciam fora dela. González e Fraga (2012) trazem que:

“[...] para que um projeto educativo tenha êxito, é necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar, cada um com suas funções e responsabilidades: professores, alunos, supervisores, diretores, funcionários, pais ou responsáveis.”

Por fim, se faz necessário repensarmos aulas voltadas às questões didáticas, promovendo a qualidade de ensino na formação dos estudantes enquanto cidadãos em processo de desenvolvimento, de maneira que através dessas seja possível valorizar e entender a Educação Física mais abrangente em relação ao seu espaço e tempo quanto ao seu papel pedagógico na escola e fora dela, com o intuito de preparar ao aluno criticamente através dos movimentos corporais, refletidos assim em suas ações no contexto social que se encontram.

Durante a graduação me dediquei a mostrar a importância da Educação Física dentro dos objetivos que a escola propõe, assim, nas oportunidades que tive sejam elas como professora em formação inicial ou bolsista de iniciação à docência me desafiei a colocar a Educação Física no lugar que ela merece.

Nessa caminhada por diversas vezes ouvi um discurso de que a Educação Física era só jogar bola ou hora livre e confesso que minhas experiências durante todas as etapas de escolarização não foram contribuintes para mudar esse entendimento, porém, eu escolhi fazer a diferença através da Educação Física, e digo que é possível sim.

Hoje, surpreendida com a organização e empenho da turma desta experiência relatada neste estudo, pude notar que o desenvolvimento de estratégias que oportunizem o protagonismo dos estudantes pode gerar novas experiências, mostrando que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno (Freire,

1996). Além disso, foi possível perceber a valorização da Educação Física como componente curricular integrado às atividades da escola, onde os estudantes motivados, buscaram métodos e maneiras de apresentar suas aprendizagens à comunidade escolar. E como dizia Freire (1996, p. 23):

"Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender. "

O tempo foi curto, mas as aprendizagens grandiosas! Estou certa que nesta experiência aprendi muito mais do que ensinei, nunca tive dúvidas de onde queria estar e esse estudo me deu a certeza de que sigo no caminho correto. Acreditando nesse processo como Freire (1996, p.23) quando diz que "quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma - se e forma ao ser formado".

5. REFERÊNCIAS

ALLAN, L. M. A proibição do celular nas escolas faz sentido? 2013. Disponível em: <<http://porvir.org/proibicao-celular-nas-escolas-faz-sentido/>>. Acesso em: 04 outubro de 2017.

BARDIN, L. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977)

BARNI, M. J.; SCHNEIDER, E. J. A educação física no ensino médio: relevante ou irrelevante? 2008. Disponível em: <www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

BETTI, M. Janela de vidro: Educação Física e esportes. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado, Instituto de Educação, 1997.

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Ministério da Educação - CONSED - UNDIME. 2016.

BRASIL. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Brasília: INEP/MEC. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>> Acesso em: 30 de setembro de 2017.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei n. 5692/71, de 11 de agosto de 1971 LDB. Brasília, 1971.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental. Brasília, Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHERVEL, A. L’histoire des disciplines scolaires. Paris: Histoire de L’education, 1988.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Revista da Educação Física, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados, 2001. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>>. Acesso em: 08 de outubro de 2017.

DARIDO, S.C.; Educação Física na Escola. Questões e reflexões. Editora Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S.C.; SOUZA JR, O.M. de. Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola. 6ªed. Campinas – SP. Editora Papirus, 2010.

DENZIN, N.K; LINCOLN Y.S. Handbook of qualitative research (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage publications, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva. 3ª ed. 2001.

ESCUDERO, N.T.G.; NEIRA, M.G. Avaliação da aprendizagem em Educação Física: uma escrita autopoiética. Est. Aval. Educ., São Paulo, 2011.

FALKENBACH, A. P. A educação física na escola: uma experiência como professor. Lajeado: Ed. Univates, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Z. Educação física escolar: a prática do bom professor. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo, Loyola, 1988.

GONZÁLEZ, F.J.; FRAGA, A.B.S.V. Afazeres da educação física escolar: planejar, ensinar e partilhar. Erechim: Edelbra, 2012.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Exercício físico na promoção da saúde. Londrina, Midiograf, 1995

KERMES, W. Política e Ação Cultural. São Paulo: Provocare, 2009.

LEWGOY, A.M.B.; ARRUDA, M.P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004, p. 115-130.

LIBÂNEO, J.C. O planejamento escolar. 2013. Disponível em: <<http://www.aacep.com.br/artigo/o-planejamento-escolar--jose-carlos-libaneo.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2017.

LIMA, S.V. A importância da motivação no processo de aprendizagem. 2008. Disponível em: <<http://www.google.com.br/firefox?client=firefox-a&rls=org.mozilla:ptBR:official>>. Acesso em: 29 de outubro de 2017.

MACHADO, T.S. et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun. 2010.

MARQUES, A. T.; GAYA, A. Atividade Física, aptidão física e educação para a saúde; estudos na área pedagógica em Portugal e no Brasil. Revista Paulista de Educação Física Revista Paulista de Educação Física Revista Paulista de Educação Física Revista Paulista de Educação Física. vol. 13, n. 1, p. 83-103, 1999.

MAY, T. Pesquisa social. Questões, métodos e processos. Porto Alegre, Artemed, 2001.

MEDINA, J.P.S. A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física. 7. ed. Campinas: Papirus, 1987

MORAES, A.C. et. al. Conhecimentos de Educação Física. In: Secretaria de Educação Básica – Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2006

MORIN, A. Pesquisa-ação Integral e Sistêmica – Uma Antropopedagogia renovada, 1ª. ed, Rio de Janeiro, Brasil. DP&A Editora, 2004.

NASCIMENTO, B.B.; GARCES, S.B.B. Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd178/educacao-fisica-ou-rola-bola.htm>> Acesso em: 12 de setembro de 2017.

NEGRINE, A.; Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: A pesquisa qualitativa na educação Física: Alternativas Metodológicas/ organizado por Vicente Molina Neto e Augusto N. S. Triviños. – 4.ed.- Porto Alegre: Sulina, 2017

NEIRA, M. Educação Física: Desenvolvendo competências. 2ª ed. São Paulo – SP: Phorte, 2006.

NEIRA, M. O currículo cultural da Educação Física: por uma pedagogia da(s) diferença(s). In: Marcos Garcia Neira; Mário Luiz Ferrari Nunes. (Org.). Educação Física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s). 1ed.Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 67-106.

OMS (Organização Mundial de Saúde) 1946. Constituição. Disponível em <[http://www.onuportugal.pt/"oms.doc](http://www.onuportugal.pt/)>. Acesso em 11 de junho de 2003.

RODRIGUES, H.A.; DARIDO, S.C. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências socioculturais. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137-154, maio/ago. 2008.

ROSA, V.T.; KRUG, H.R. A Educação Física organizada em forma de clubes no Ensino Médio e seus procedimentos metodológicos. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd143/a-educacao-fisica-emforma-de-clubes-no-ensino-medio.htm>> Acesso em: 31 de agosto de 2017.

SINDICATO DOS PROFESSORES DE SÃO PAULO. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo: palestra de Antônio Nóvoa. São Paulo: Sinpro, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

TARDIF, M. O trabalho docente : elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas / Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 6. ed. - Petrópolis, RJ :Vozes, 2011

TRIVIÑOS, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

THIOLLENT, M.J. Metodologia da Pesquisa-Ação, 18ª. ed., São Paulo, Brasil, Cortez, 2011.

VIÑAO, F.A. Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio. (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000.

6. ANEXOS

PLANO DE AULA 01

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 12/04/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Construir e discutir o conceito de Educação Física e suas práticas;
- Estabelecer regras de convivência;

Procedimental

- Expressar-se e comunicar-se através do corpo e da expressão facial.

Atitudinal

- Perceber a importância das regras para estabelecimento de boa convivência;
- Compreender práticas cotidianas como parte da Educação Física;

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Definindo Regras

Material: Caixa com palavras

Descrição: As alunas estarão dispostas em um círculo, em sentido horário, enquanto toca uma música, passará uma caixa onde dentro terão algumas palavras referentes as regras que a professora pré-estabelecerá. Cada vez que a música parar, a aluna que estiver com a caixa na mão, deverá retirar uma palavra e apenas com expressões faciais e corporais dar dicas para que as colegas adivinhem a mesma. A partir disto, discutiremos e fixaremos as regras de convivência da turma. Exemplo: A aluna retirou a palavra horário, após as colegas descobrirem, discutiremos questões relacionados ao mesmo, como, horário de chegada, tolerância, horário de saída, etc. Estas regras serão escritas em uma folha que será assinada por todas as alunas.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Movimentos me definem

Material: Nenhum

Descrição: Em círculo, uma aluna por vez deverá apresentar-se falando seu nome e realizando um movimento (simultaneamente) que lembre a área de Educação Física. De forma acumulativa, cada vez que uma se apresenta, as demais repetem o nome e o movimento, até que todas realizem a atividade

Atividade 3 – Mas afinal, o que é Educação Física?

Material: Papel Pardo e canetas coloridas

Descrição: Após a realização da atividade anterior, em um círculo, faremos a reflexão em relação aos movimentos apresentados, bem como, a problematização dos mesmos. Após discutirmos e definirmos coletivamente um conceito para a Educação Física e as práticas corporais que ela compreende, faremos uma nuvem de palavras com o título, “Mas afinal, o que é Educação Física? ” No centro do círculo estarão papel pardo e canetas coloridas para confecção do cartaz.

Volta a Calma

Atividade 4 – Uma mão “ajuda” a outra!

Descrição: A professora dará a cada aluna um pirulito, e pedirá que segurem o mesmo com sua mão de preferência e estendam o braço a frente, com a outra mão para trás. Ao comando da professora as alunas deverão tentar abrir o pirulito utilizando somente a mão de preferência (é quase impossível). Após um tempo deixará que utilizem as duas mãos, então, faremos um momento de reflexão, até chegarmos à conclusão que até podemos conseguir algo sozinho, mas que quando há cooperação é mais fácil. Assim, a professora pedirá a cooperação das alunas em relação as aulas e ao cumprimento das regras estabelecidas para o bom relacionamento entre professora e aluna e entre as próprias alunas.

Atividade 5 – Apresentação da Proposta de Plano de Ensino

Material: Nenhum

Descrição: Conversa Informal com a turma onde apresentarei a proposta de do plano de ensino e abrirei um espaço para sugestões.

Observações: A aula foi realizada na sala de vídeo, pois nas quartas-feiras os períodos são na quadra externa, como a aula hoje era mais discutida do que prática optei por realizá-la em uma sala e a única disponível naquele horário era a de vídeo. Embora o espaço fosse pequeno, consegui desenvolver a aula com sucesso, posso dizer que sai de lá satisfeita. Durante a primeira atividade discutimos as regras básicas de convivência (respeito, não brigar, etc.), criamos a caixinha do celular e dos acessórios para que elas guardem celulares, anéis, brincos, etc. Também discutimos algumas específicas da Educação Física. E, foi neste momento que percebi a quão desvalorizada a Educação Física é, e não pela escola ou pelos alunos quererem ou não gostarem da disciplina, mas, pela própria “falta” de problematização e argumentação de fatos que ocorrem a anos e são encarados como “normais” e acabaram virando cultura de tanto serem praticados. Em uma das discussões sobre a regra horário, surgiu o questionamento: “ Mas

professora, e nos dias que temos que fazer trabalhos, podemos sair mais cedo? ”, tentei ser direta, e explicar de uma forma que elas entendessem que o horário da aula de Educação Física era específico daquela disciplina e não negociável. Perguntei a elas se na aula de Matemática elas saíam mais cedo para fazer trabalhos de História, a resposta foi não, então, continuei questionando o porquê de saírem mais cedo da aula de Educação Física se a disciplina era tão importante quanto Matemática, a resposta foi “sempre deixaram”.

Outro ponto importante a ser relatado ocorreu na atividade 2, os movimentos que a maioria das alunas realizaram eram voltados para o esporte (vôlei, basquete, futsal e handebol), com exceção de duas alunas que realizaram os movimentos de ballet e capoeira. Então, falamos um pouco de cada prática corporal que a Educação Física abrange, os lugares que possivelmente ela se encontra, questionei se alguma delas fazia academia, metade da turma quer começar a prática, questionei se aquilo era Educação Física e a resposta foi não. Elas têm uma certa dificuldade de enxergar a disciplina fora do esporte, e ainda, em atividades cotidianas fora da escola. Enquanto discutíamos a atividade 2, realizávamos a 3, construindo o cartaz e o conceito coletivo de Educação Física. Uma das palavras mais citadas quanto perguntei o que era Educação Física foi “saúde”, falei para elas que a prática de Educação Física pode promover a saúde, mas que não era especificamente saúde. Perguntei a elas se alguma vez elas tinham trabalhado divisão em Português, me responderam que não, perguntei o porquê e a resposta foi “Divisão é da Matemática”. Então, questionei o porquê da Educação Física tem que trabalhar saúde, se existem conteúdos específicos da disciplina, elas riram, e me responderam que haviam entendido. Continuei a explicar que as práticas corporais da Educação Física poderiam melhorar a saúde, mas que não era específico. A atividade 4, foi tranquila, de maneira fácil elas entenderam a questão de cooperar comigo e com as colegas.

Por fim, após tantas problematizações as alunas passaram a entender que precisavam ampliar o entendimento que possuíam do componente, então, em conjunto com as estudantes e o professor titular da turma pensamos estratégias onde fosse possível ampliar o entendimento da Educação Física escolar, estabelecendo algumas como variação nas manifestações corporais, o uso de diferentes espaços e materiais para as aulas, novas propostas de ensino-aprendizagem, protagonismo discente, entre outras.

PLANO DE AULA 02

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 13/04/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Demonstrar a presença da Atividade Física no cotidiano;
- Discutir a importância do movimento corporal para a expressão;

Procedimental

- Estimular a melhora de ritmo;
- Aprimorar a coordenação motora ampla e noção espaço-temporal;

Atitudinal

- Repensar a prática de Atividade Física e sua importância nas tarefas diárias;
- Favorecer a aproximação física e desinibição corporal entre os estudantes.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Atraso.

Material: Nenhum

Descrição: As alunas estarão dispersas pela quadra, a professora contará uma história e pedirá para que as alunas se imaginem naquela situação e representem.

“Em uma bela sexta-feira pela manhã, o Sol estava lindo. Você acordou, olhou no relógio e viu que estava atrasado meia hora, levantou correndo vestiu sua calça e viu que ela estava rasgada, rapidamente, correu no armário e procurou outra. Seu armário estava desarrumado, você não tinha ideia de que roupa pegar, então, pegou qualquer uma. Saiu de casa, sem tomar café, correu para parada, quando chegou na esquina da mesma, percebeu que seu ônibus estava passando, você correu, mas não adiantou. Sem esperanças, olhou seu relógio novamente e notou que ele estava uma hora adiantado”.

Atividade 2 – Boa tarde com o corpo!

Material: Nenhum

Descrição: Ao comando da professora as colegas deverão cumprimentar-se com um aperto de mão, logo, ao comando da professora farão o mesmo, utilizando as partes do corpo que a professora solicitará. Exemplo: ombro, barriga, testa, etc.

Desenvolvimento

Atividade 3 – Marcando o ritmo!

Material: Pandeiro

Descrição: Enquanto a professora marca compassos no pandeiro, os alunos deverão marcar os mesmos com os pés, seguindo o ritmo e caminhando pelo espaço. A professora irá variar o ritmo.

Atividade 4 – 1, 2, 3!

Material: Nenhum

Descrição: Enquanto caminham pela quadra, as alunas deverão contar “1, 2, 3” mantendo o ritmo. Logo, a professora substituirá um dos números por algum movimento. Exemplo: “Agora ao invés de falar o 1, você irá bater palmas ... “palma”, 2, 3. Os movimentos serão acrescentados dos mais simples para complexos, e o ritmo iniciado na contagem deverá ser mantido.

Atividade 5 – 1, 2, 3!

Material: Nenhum

Descrição: Em duplas, as alunas deverão contar até três alternadamente. Em seguida, a professora substituirá o número por um movimento. Exemplo: “Maria – 1, Joana – 2, Maria – 3, Joana – 1 ... Agora substitua o número 2 por um salto vertical, Maria – 1, Joana – Salto, Maria – 3, Joana – 1”.

Volta a Calma

Atividade 5 – Feedback

Material: Nenhum

Descrição: Conversa informal sobre a aula. O que aprendemos? Qual outra maneira poderíamos ter feito?

Observações: Visando fazê-las entender a expressão fácil e corporal como parte da dança, contei uma história para elas encenarem. Num primeiro momento elas se demonstraram tímida ao realizarem os movimentos, então, comecei a instigá-las se realmente era daquela maneira que nos expressávamos quando acontecia o ocorrido na história. A partir de então, parece que elas compreenderam o objetivo, umas se esforçaram mais que as outras, porém todas realizaram a atividade. Na atividade 2, elas já estavam mais soltas e realizaram sem problemas, porém, como elas são de turmas diferentes evitavam contato com algumas colegas que não fazem parte de seu convívio, assim, variei a atividade determinando que o contato deveria ser com as colegas que elas menos mantêm relações. Aproveitei o espaço para falar do contato na dança de forma amigável. Posteriormente, abordei o ritmo e a coordenação motora, como um dos princípios que envolvem o “dançar”. A partir da fala de uma delas “*Eu não tenho ritmo*”, abordei o ritmo como algo individual, explicando que cada uma tem seu ritmo. Notei grande dificuldade em algumas meninas em realizar a tarefa, não por falta de empenho, mas pela decorrência do não praticar. Quando acrescentei movimentos simples e esportivos notei a facilidade na realização, pedi para que elas realizassem o movimento de chute a gol e todas realizaram, fiz de propósito para observar as reações e quando determinei o movimento de bater palma e estalar o dedo na sequência, percebi maior dificuldade. Em geral, a turma possui maior habilidades em modalidades esportivas, porém em algumas capacidades físicas como a coordenação motora (para alguns movimentos) e o ritmo, as alunas encontram um pouco de dificuldade na realização da tarefa.

PLANO DE AULA 03

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 19/04/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer o axé (gênero musical) historicamente;
- Discutir possíveis culturas que influenciaram em sua composição;

Procedimental

- Possibilitar a experimentação de diferentes formas de dançar;
- Estimular a coordenação motora, o ritmo e a criatividade ao criarem movimentos coreográficos;

Atitudinal

- Discutir implicações do ritmo axé na sociedade;
- Contribuir com as colegas durante o processo de construção coreográfica.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Da onde vem o axé?

Material: Palavras, música, mesa.

Descrição: A professora dividirá a turma em dois grupos. E dará para cada grupo palavras para que os mesmos montem frases, um dos grupos deverá montar “ O axé é um gênero musical que surgiu em 1980 na Bahia” e os outro “ Durante as manifestações populares do Carnaval de Salvador”. Porém, as frases serão montadas em cima de uma mesa e enquanto montam, deverão dançar a música que estará tocando, não podendo parar. Após a montagem das frases a professora falará uma breve história do axé-gênero musical.

História: O axé é um gênero musical que surgiu no estado da Bahia na década de 1980 durante as manifestações populares do Carnaval de Salvador, misturando o ijexá, samba-reggae, frevo, reggae, merengue, farró, samba duro, ritmos do Candomblé, pop rock, bem como outros ritmos afro-brasileiros e afro-latinos. No entanto, o termo "axé" é utilizado erroneamente para designar todos os ritmos de raízes africanas ou o estilo de música de qualquer

banda ou artista que provém da Bahia. Sabe-se hoje, que nem toda música baiana é axé, pois lá há o samba-reggae, representado principalmente pelo bloco afro Olodum, o samba de roda, o pagode baiano e até uma variação de frevo, bem como o sertanejo e forró etc.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Largadinho

Material: Música

Descrição: A professora passará a coreografia da música “Largadinho – Claudia Leitte”.

Atividade 3 – Qual o seu Largadinho?

Material: Música

Descrição: As alunas serão divididas em grupos e deverão criar coreografia para alguma parte da música que a professora estabelecerá.

Volta a Calma

Atividade 4 – Montagem coletiva

Material: Música

Descrição: Cada grupo contribuirá com sua parte e montaremos uma coreografia coletiva.

Observações: Devido à chuva as alunas não compareceram à aula. Este plano será aplicado na próxima aula dia 20.

No dia de hoje compareceram poucas alunas, quando questionei se elas sabiam das demais colegas, elas comentaram que a maioria delas iriam colocar atestado na quinta-feira em decorrência de cursos que fazem em horários próximos ou concomitantes a aula. Aproveitei para conversar com as colegas que estavam presentes, sempre valorizando a Educação Física como os demais componentes curriculares da escola, então realizei um questionamento e pedi para elas não me responderem apenas pensarem “*Será que os professores das outras disciplinas como Língua Portuguesa liberaria vocês para o curso?* ” – Deixei no ar.

Assim, segui a aula. Apresentei as alunas o axé, elas demostram interesse em toda e qualquer atividade que eu proponha e incentivam-se entre si a realizar. Na primeira atividade de hoje após descobirmos os conceitos do axé, discutimos algumas influências que o axé possui. Antes de dizer qualquer coisa, deixei que elas falassem e surgiram muitas discussões pertinentes.

Na segunda atividade, a maioria das alunas pegou a coreografia com facilidades e quando sugeri a separação dos grupos para criarem uma coreografia e juntarmos, elas optaram por criarem todas em um grande grupo. Todas se envolveram e deram opiniões, até as mais tímidas contribuíram de alguma forma para a atividade. Tenho duas alunas que são evangélicas, observei que elas participam, porém não com tanta intensidade quanto as outras. Quando planejei esta aula, planejei para um período de 90 minutos, mas como choveu no dia, consegui desenvolver o plano no período de 45 minutos do outro dia, e elas queriam ficam dançando. E

o mais interessante é que elas queriam frases para montar enquanto dançavam. Percebi que podemos trabalhar o conceitual de maneira atrativa e acredito que isso contribui para o processo de ensino aprendizagem.

PLANO DE AULA 04

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 26/04/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer a origem da dança contemporânea e discutir assuntos pertinentes sobre a mesma;

Procedimental

- Explorar os limites do seu corpo;
- Vivenciar a dança contemporânea;

Atitudinal

- Cooperar com as colegas e trabalhar em grupo.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Aquecimento

Material: Bambolês, cronômetro, música e envelope

Descrição: As alunas estarão dispersas pela sala dançando livremente a música que estará tocando, quando a música parar deverão procurar um bambolê para entrar. Os bambolês estarão dispersos pela sala. A cada rodada a professora irá reduzindo o número de bambolês, seguindo a atividade não podendo ficar nenhuma fora do bambolê. Essa atividade durará no máximo oito minutos, se ao final do tempo conseguirem permanecer todas no mínimo de bambolê (dependendo do número de alunas) ganharam um envelope contendo uma breve história da Dança Contemporânea que iremos discutir, se não conseguirem realizar a atividade dentro do tempo, deverão pesquisar para trazer na próxima aula.

Independente de conseguirem ou não, a professora comentará brevemente sobre a origem da dança contemporânea.

A dança contemporânea surgiu na década de 1950, como uma forma de protesto ou rompimento com a cultura clássica. Depois de um período de intensas inovações e experimentações, que muitas vezes beiravam a total desconstrução da arte, finalmente - na década de 1980 - começou a se definir-se, desenvolvendo uma linguagem própria, embora algumas vezes faça referência ao ballet, ao jazz e ao hip hop. A dança contemporânea não se define em técnicas ou movimentos específicos, pois o bailarino ganha autonomia para construir suas próprias partituras coreográficas a partir de métodos e procedimentos de pesquisa como: a improvisação, a partir de temas relacionados a questões políticas, sociais, culturais, autobiográficas, comportamentais e cotidianas, como também a fisiologia e a anatomia do corpo.

Atividade 2 – Alongamento

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música a professora irá realizar movimentos para que as alunas reproduzam. Os movimentos serão para alongar.

Desenvolvimento

Atividade 3 – Pés fixos

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música, as alunas deverão imaginar que estão com os pés fixados no chão e explorar a músicas com as demais partes do corpo.

Variações: Somente com o pé direito, somente com o pé esquerdo e pés soltos.

Atividade 4 – Alto, médio e baixo.

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música as alunas deverão explorar a dança contemporânea realizando movimentos em seus três planos.

Atividade 5 – Direção

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música as alunas deverão explorar a dança contemporânea realizando movimentos em diferentes direções (atrás, frente, laterais).

Atividade 6 – Misturando

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música as alunas deverão misturar todas as atividades, realizando movimentos em planos e direções diferentes ao mesmo tempo, explorando as possibilidades do corpo.

Volta a Calma

Atividade 7 – Sentimentos e Sensações

Material: Música

Descrição: Enquanto toca uma música lenta, deitadas com os braços estendidos ao lado do corpo e de olhos fechados as alunas irão falar as sensações que sentiram durante a aula.

Observações: Nas aulas com duas horas/aulas que somam 90 minutos, nossa prática é na quadra, enquanto estou trabalhando dança, agendei o salão da escola para que as aulas fossem desenvolvidas no mesmo para melhor tematizar a dança. Optei por levar a dança contemporânea, pois tenho duas alunas evangélicas, e as mesmas relataram dançar “dança profética” na igreja em que frequentam. Argumentei quais as características desta dança e consegui fazer algumas associações com a dança contemporânea, porém não relatei nada as mesmas. Planejei uma aula proporcionando a vivência da dança contemporânea para as demais alunas e uma possível contribuição prática para a dança profética das duas alunas evangélicas. Procurei ressignificar a prática para todas, de forma que as alunas utilizem essa vivência enquanto dançam fora da escola, obviamente esses são meus objetivos ocultos para estas duas alunas. Na primeira atividade, além de descobrir o conceito da dança a ser trabalhada, estimei as meninas a trabalharem em grupo como um todo, como forma de integrar as duas turmas, pois na última aula onde deixei elas separarem os grupos notei certa seletividade com algumas colegas. Foi surpreendente! Para conseguirem entrar em um só bambolê, elas pegaram colegas na “garupa”, abraçaram-se entre si, foi divertido para mim que estava observando, acredito que para elas também. A partir de então, notei um maior entrosamento na turma como um todo, não cada uma em sua respectiva turma da manhã. Eram 25 alunas no dia, nem todas conseguiram entrar no bambolê, mas considerei mesmo assim. Após isso, discutimos o conceito do envelope, onde as duas alunas evangélicas e uma das minhas alunas que já fez aula de ballet contribuíram bastante. As alunas realizaram todas as atividades propostas, sempre me surpreendo com os resultados, pois a cada dia tenho visto avanços pequenos, mas significativos em relação a primeira aula. As alunas estão criando novos conceitos de Educação Física diferente dos esportes coletivos, percebo isso através das falas e das práticas das mesmas, como por exemplo, a entrega das mesmas durante a aula.

PLANO DE AULA 05

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
Estágio Supervisionado III
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues

Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 27/04/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Argumentar preferências de ritmos;

Procedimental

- Construir (dar início) uma apresentação de dança;

Atitudinal

- Cooperar com as colegas e trabalhar em grupo;
- Respeitar as diferenças de escolha.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Apresentação da Proposta de Avaliação – Amostra de Dança

Material: Nenhum

Descrição: A professora apresentará para as alunas a proposta de uma das avaliações, sendo a Amostra de Dança. Explicará seus critérios de avaliação e aceitará sugestões quanto a organização da Amostra.

Amostra de Dança

Crítérios: criatividade, contextualização do ritmo (histórico, evolução, chegada no Brasil), figurino.

Público: Comunidade Escolar

Tempo de Apresentação: Mínimo 8 minutos, máximo 15 minutos.

Data: 5 de junho às 19 horas.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Separação dos Grupos

Material: Nenhum

Descrição: A professora pedirá para que as alunas se organizem em grupos e acordem um ritmo da preferência do mesmo a ser apresentado no dia da Amostra.

Volta a Calma

Atividade 3 – Início da Proposta

Material: Nenhum

Descrição: As alunas poderão dar início as ideias, discutirem e construir um esboço para o dia da Amostra.

Observações: Hoje discutimos coletivamente a avaliação do trimestre. As alunas contribuíram com a proposta e separaram-se em grupos para a realização da Amostra de Dança. Ficou estabelecido que todas deveriam participar de alguma forma, seja ela qual for. Além disso, cada grupo deverá apresentar um conceito para o ritmo que será apresentado da maneira que desejarem. Ficou decidido que a Amostra será realizada no dia 5 de junho às 19 horas no Salão da escola. A divulgação será realizada pelas próprias alunas, porém decidiremos em outro momento como será realizada a mesma. Os grupos já iniciaram alguns esboços de apresentação, em relação a temas e etc., bem como, escolha de músicas e início de coreografias. Foram criados cinco grupos: o funk, o k-pop, o sertanejo, o reeggaeton e um grupo que prefere não dançar e irá apresentar uma introdução tematizando a dança como parte da Educação Física (sugestão de uma das alunas). Acredito que por mais que eu tenha trazido a amostra de dança e alguns critérios para a avaliação da mesma, a proposta foi construída por elas e da maneira delas, o que poderá facilitar o processo de criação, pois os ritmos e integrantes dos grupos foram decididos pelas alunas.

PLANO DE AULA 06

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 03/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Discutir termos utilizados nas letras do funk;
- Problematizar o estilo musical funk;
- Alterar a letra da música, ressignificando a mesma;
- Conhecer a origem do funk;

Procedimental

- Criar uma coreografia;

Atitudinal

- Trabalhar em grupo, decidindo com as demais colegas;

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Escolhe um funk

Material: Quadro e giz

Descrição: Coletivamente as alunas deverão escolher um funk, a professora colocará a letra da música escolhida no quadro. Em seguida discutiremos casa termo utilizado na música, problematizando se as meninas concordam ou não com os mesmos.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Resignificando o funk

Material: Quadro e giz

Descrição: Após a discussão, escolheremos um tema e os termos que não concordarmos iremos substituir por palavras adequadas com sentido relacionando com o tema escolhido.

Atividade 3 – Coreografando

Material: Nenhum

Descrição: Coletivamente, as alunas montarão uma coreografia para o funk que criaram.

Volta a Calma

Atividade 4 – Discutindo

Material: Nenhum

Descrição: A professora contará brevemente a origem do funk nos Estados Unidos, falará sobre o funk no Brasil e colocará o funk “Eu só quero é ser feliz” para que as mesmas escutem e relacionem este funk com os que elas escutam nos dias de hoje. Em seguida, argumentará as alunas “Por que o funk é tão marginalizado nos dias de hoje? ”, então, discutiremos sobre.

Observações: Atividade 3 ficou estabelecida como tema para casa para a próxima aula de dois períodos.

A aula de hoje foi realizada na sala de vídeo, pois o salão estava ocupado. Em todas as minhas aulas busco estimular a discussão, e a reflexão crítica de minhas alunas, porém a aula de hoje foi uma das melhores até agora nesse aspecto. Anterior as minhas intervenções de estágio, apliquei um questionário na turma a fim de conhecer o contexto da mesma, os significados atribuídos a Educação Física, as práticas já conhecidas e as que gostariam de praticar. Prevalentemente, a turma respondeu que as práticas mais conhecidas eram as os esportes coletivos e que queriam ter dança durante o estágio. Assim, organizei no meu projeto para as minhas intervenções a dança como uma das práticas corporais a ser tematizada durante as intervenções na turma, além de apresentar e resignificar outras. Contudo, não pensei quais os ritmos eu iria abordar, e toda a aula que planejo, procuro colocar algo cotidiano e significativo

para elas, como na aula da dança contemporânea que tive a ideia a partir de uma fala delas. A aula de hoje foi planejada devido a um acontecimento que ocorreu na semana anterior, em uma das idas até a escola, encontrei um grupo de minhas alunas escutando funk no celular (sem utilizar o fone de ouvido), observei a letra da música na qual elas escutavam e percebi que elas não se incomodavam com os termos que se referiam as mulheres. Então, planejei esta aula pensando em problematizar o funk, pedi para que a turma escolhesse coletivamente um funk – neste dia dois meninos que participaram da minha aula – coloquei no quadro a letra conforme eles iam me ditando, enquanto ditavam as palavras eles riam, a aula estava bem descontraída, deixei que a turma se sentisse à vontade para conversarmos qualquer assunto. Quando terminei de escrever, li cada frase e perguntei se concordavam com o que estava escrito, no primeiro momento uma delas riu e disse “*ah, eu gosto*”, então, fui mais direta, argumentei “*tu gostas? Então, se qualquer estranho na rua chegar e pedir pra ti bater a bunda no chão, tu vai achar legal?*”, a turma se silenciou, e ela me respondeu “*não né professora, é só uma música*”. Discuti com elas a questão de não ser só uma música, a fim de fazer com que elas entendessem que nem por meio de uma música um homem ou qualquer outra pessoa pode expor o corpo da mulher e não só o corpo até mesmo as mulheres daquela maneira. No final, elas disseram que não tinham se dado de conta das palavras que o funk utiliza e que escutavam frequentemente porque “a batida” das músicas era boa. Para a segunda atividade eles escolheram o tema escola, e confesso que me surpreendi com o que saiu. Entre as duas primeiras atividades levei quase uma hora, e como elas estavam envolvidas na discussão, não realizei a terceira atividade e pulei para a última. Foi um dos melhores momentos da aula, a reflexão, mas acompanhada da crítica, os argumentos, as palavras e o encontro dos pensamentos, o respeito. A discussão em relação ao funk não era mais comigo, mas entre eles, começaram a explicar para colegas que ainda não tinham entendido ou que discordavam de algum fato usando argumentos. Me senti realizada, me motivei. Embora, eles ainda possam escutar funk, essa aula não foi em vão. Acredito que plantei uma sementinha, e que eles saíram incomodados dessa aula. Mas um incômodo bom, foi um incômodo que fez eles pensarem. A atividade três que era a criação de uma coreografia para a música foi solicitada como tema de casa para a próxima aula de dois períodos. O funk que elas tinham escolhido era o “Olha a explosão” e após as modificações ficou assim:

Essa escola é bonita
É especialista
Em formar pessoas para o resto da vida
É educativa, não brinque com ela não
É informativa, não falte ela não
Olha a direção,
Quando ela chama e dá suspensão
Só porque joguei o lixo no chão
E não foi por falta de Educação
Olha que já fiz muita redação, ão, ão

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 04/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Relatar o andamento do trabalho e as dificuldades encontradas;
- Contribuir com o trabalho das colegas;

Procedimental

- Oportunizar a criação de movimentos coreográficos;

Atitudinal

- Propiciar e incentivar o trabalho em grupo

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Roda das contribuições

Material: Nenhum

Descrição: Em uma roda de conversa informal cada grupo irá expor o andamento de seu trabalho e as dificuldades encontradas para realizar o mesmo. Coletivamente, as alunas poderão contribuir com alguma sugestão (caso tenham) independente se é ou não para o seu grupo, visando o sucesso de todos os grupos no dia da Amostra.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Construindo

Material: Música

Descrição: As alunas irão se separar nos grupos estipulados para a Amostra para ensaiarem, construírem, etc. A professora passará em cada grupo para mediar e contribuir com o trabalho.

Volta a Calma

Atividade 3 – Conversa informal

Material: Nenhum

Descrição: Feedback, datas, local, divulgação.

Observações: Após o término da última aula um grupo de alunas solicitou ajuda para a construção da amostra. A aula de hoje foi planejada pensando em supervisionar e contribuir com os demais grupos. A turma se uniu através da amostra, os dois meninos que estão frequentando as aulas, estão ensaiando para apresentar também. No momento em que abrimos para a fala das dificuldades, os grupos se ajudaram entre si, mesmo não sendo do mesmo grupo eles se ajudam.

PLANO DE AULA 08

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 10/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Procedimental

- Expressar-se corporalmente através da dança;
- Explorar ritmos;

Atitudinal

- Problematizar a questão da inclusão por meio de conversas;
- Reconhecer as dificuldades de alunos inclusos;

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Coreografia

Material: Música

Descrição: A professora passará as alunas uma coreografia, determinando termos para os movimentos. Exemplo: levanta a perna na altura do quadril, gira, etc.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Coreografia vendada

Material: Vendas e música

Descrição: A professora separará a turma em dois grupos, um irá assistir o outro e fazer uma reflexão. Será passada uma coreografia, porém as alunas estarão vendadas. A professora seguirá dando nome aos movimentos.

Atividade 3 – Passe a coreografia

Material: Vendas e Música

Descrição: As alunas deverão formar duplas e uma das integrantes da mesma estará vendada, enquanto a professora passa a coreografia a colega sem venda deverá auxiliar a colega vendada, uma vez para cada.

Volta a Calma

Atividade 4 – Refletindo

Material: Nenhum

Descrição: Em uma roda de conversa cada aluna deverá contar como se sentiu ao estar vendada e ao ajudar a colega. A partir das respostas a professora problematizará a questão da inclusão nas aulas de Educação Física.

Observações: A aula de hoje foi realizada na sala de vídeo. A aula iniciou com a apresentação do tema de casa. Na primeira atividade, tentei focar ao máximo nos nomes dados para os movimentos, mas não expliquei para elas o real motivo. Nas atividades posteriores, nas quais elas foram vendadas, percebi que elas não perceberão meu real objetivo até que eu fizesse o momento de reflexão no final da aula. Quando me refiro a não entender o objetivo, não digo sobre a participação, pois a turma tem participado ativamente das aulas, inclusive os meninos. Em geral, elas demonstraram entusiasmo nas atividades, riam das colegas que estavam vendadas e ao ajudarem a colega enquanto dupla deixavam que ela se batesse nas demais, e executasse os movimentos de forma errada, pensei em intervir, mas depois deixei acontecer para que o momento da reflexão fosse bem problematizador. Embora o enfoque da aula seja na maioria do tempo no procedimental, minhas aulas fluem nas discussões finais no momento de volta a calma. Pedi para que elas relatassem como se sentiram vendadas e ao ajudar as colegas, deixei elas relatarem e novamente fiz a pergunta, mas direcionando para um debate mais voltado a inclusão, argumentei que aquela vivência não era nem comparada com a realidade das pessoas que possuem cegueira ou deficiência visual. Fico contente quando elas se expõem e saem das aulas diferentes, hoje foi desses dias. Embora, elas tenham levado a parte procedimental na maioria do tempo para a brincadeira, percebi que elas entenderam o real objetivo da aula no final.

PLANO DE AULA 09

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 04/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Relatar o andamento do trabalho e as dificuldades encontradas;
- Contribuir com o trabalho das colegas;

Procedimental

- Oportunizar a criação de movimentos coreográficos;

Atitudinal

- Propiciar e incentivar o trabalho em grupo

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Roda das contribuições

Material: Nenhum

Descrição: Em uma roda de conversa informal cada grupo irá expor o andamento de seu trabalho e as dificuldades encontradas para realizar o mesmo. Coletivamente, as alunas poderão contribuir com alguma sugestão (caso tenham) independente se é ou não para o seu grupo, visando o sucesso de todos os grupos no dia da Amostra.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Construindo

Material: Música

Descrição: As alunas irão se separar nos grupos estipulados para a Amostra para ensaiarem, construírem, etc. A professora passará em cada grupo para mediar e contribuir com o trabalho.

Volta a Calma

Atividade 3 – Conversa informal

Material: Nenhum

Descrição: Feedback, datas, local, divulgação.

Observações: Novamente dei a oportunidade de ensaio para as meninas durante a aula. Discutimos a maneira com que seria realizada a divulgação e ficou estabelecido que cada grupo ficaria responsável por um número de turmas em cada turno, bem como, para a divulgação para a família. No geral, os grupos estão organizados, os relatos de dificuldade são em relação a ensaios. Informeimei a elas que essa seria a última aula para que elas ensaiassem durante o período de Educação Física, a partir da próxima aula iniciarei o conteúdo de ginástica. Fizemos uma retrospectiva das aulas de dança, reflexões e ressignificações, percebo que elas já não são mais as mesmas alunas “esportistas” da primeira aula, as falas são outras, os enfoques também. Além disso, estamos mais próximas ou próximos, sempre falo em relação as meninas, mas os meninos continuam frequentando as aulas e ensaiando para a amostra. Conversei com eles para investigar se eles estão participando da aula com suas respectivas turmas e também conversei com o Felipe e o Emerson que são os estagiários responsáveis pela turma deles e de fato eles realmente estão, o que significa que as minhas aulas não atrapalham a ida deles em suas turmas.

PLANO DE AULA 10

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 17/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Caracterizar os diversos tipos de ginásticas;

Procedimental

- Realizar movimentos gímnicos;

Atitudinal

- Refletir sobre o espaço da ginástica na sociedade e na mídia.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Ginásticas que conheço.

Material: Folhas e canetas

Descrição: A professora dará a cada aluna uma folha em branco para que respondam as seguintes perguntas “Quais modalidades de ginástica você conhece? ” “ Quais suas

características? ” “Onde você conheceu/viu? ”. As respostas poderão ser escritas ou desenhadas. Em um círculo, cada aluna irá apresentar sua resposta, e a partir das mesmas a professora irá comentando ou acrescentando. Problematizaremos a questão “ Onde você conheceu? ”, para discutirmos o espaço das ginásticas na mídia.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Movimentos gímnicos - Estrela

Material: Cones e corda

Descrição: As alunas estarão em uma fileira, a sua frente estarão dois cones com uma corda amarrada em suas extremidades (estendida). Uma aluna por vez deverá ultrapassar a corda transpondo primeiramente a parte superior do corpo apoiando as mãos no chão e em seguida, passar o quadril e as pernas.

Variação: Posteriormente, deverão realizar os mesmos procedimentos, porém, passando uma perna de cada vez, para realizar o movimento de estrela.

Atividade 3 – Movimentos Gímnicos - Ponte

Material: Colchonetes

Descrição: As alunas deverão formar duplas, uma delas deverá agachar-se na posição agrupada, a outra deverá tentar realizar a ponte em cima da colega.

Atividade 4 – Movimentos Gímnicos – Parada de mão

Material: Nenhum

Descrição: Em duplas, uma das alunas irá sentar-se no chão com as pernas afastadas e a outra deverá realizar a parada de mãos colocando as mãos entre as pernas da colega para que a mesma as segure.

Atividade 5 – Movimentos Gímnicos – Rolinho

Material: Colchonetes

Descrição: A professora separará a turma em grupos para que realizem o rolinho. Em um primeiro momento iniciando de cócoras, em seguida, tentando iniciar em pé e finalizar em pé.

Atividade 6 – Movimentos Gímnicos - Reversão

Material: Colchonetes

Descrição: Em trios, as alunas deverão realizar a reversão. Duas darão as mãos e a colega deverá realizar a parada de mão próxima das colegas de mãos dadas, seguido de uma ponte. As colegas deverão impulsionar a colega para que realize a reversão.

Volta a Calma

Atividade 7 – Em qual ginástica?

Material: Nenhum

Descrição: A partir de uma conversa informal discutiremos em quais ginásticas utilizamos os movimentos realizados na aula de hoje.

Observações: Hoje iniciamos o conteúdo ginástica, a aula foi desenvolvida no ginásio, o horário era do Vinícius, mas ele não estava ocupando o espaço. Na primeira atividade, percebi que as alunas confundem os tipos de ginástica entre si e com o nado sincronizado e que os relatos de onde elas conhecem na maioria das falas citam a televisão. Discutimos o espaço da ginástica na mídia, pois na maior parte do tempo a mídia transmite o futebol – fala delas.

Durante o desenvolvimento da aula, algumas já demonstravam maior habilidade com os movimentos propostos, outras expressavam o medo de realizar o simples rolinho, todas realizaram todos os movimentos propostos e o envolvimento delas como turma está me surpreendendo. Não vejo mais aquela seletividade em relação a turmas, elas se ajudam e conversam entre si. Sempre temos exceções, existe uma colega que elas tratam normalmente, brincam, conversam, mas quando se trata de atividade, elas preferem não realizar com a mesma, pois ela “brinca demais”. Tenho deixado elas resolverem os conflitos internos dos grupos sozinhas, só interfiro se necessário, mas quando há separação de grupos grandes a maioria das vezes eu separo para não constranger a aluna “brincalhona”.

Hoje foi mais um daqueles dias em que sai satisfeita da aula, e não foi por acontecimentos dentro dela, mas sim após o término da mesma. Durante uma discussão em aula no componente de PCC VII, uma das características citadas para a conclusão do comportamento social em relação a influência do esporte era que após as aulas ou durante o tempo livre que os estudantes tinham, os mesmos procuravam jogar nas quadras da escola futsal ou basquete. Quando a aula terminou, liberei os alunos e demorei um tempo para guardar os materiais que utilizamos na aula, ao sair do ginásio encontrei elas ensinando outros colegas os movimentos aprendidos em aula, fiquei observando por um tempo e a brincadeira era cruzar a quadra fazendo estrelinha, tinham como uns 12 estudantes na quadra praticando a ginástica em seu tempo livre. Isso me deixou contente, não julgando os esportes coletivos como os vilões, mas para quem conhece a cultura dos esportes dentro da escola, sabe da alegria que senti ao vê-los realizando movimentos gímnicos fora do horário de aula.

PLANO DE AULA 11

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 18/05/2017

Objetivos:

Conceitual

- Repensar a Ginástica, a partir de sua representação como antecessora da Educação Física escolar;
- Reconhecer elementos que caracterizam a ginástica artística;

Procedimental

- Realizar movimentos e exercícios reconhecidos culturalmente como movimentos ginásticos militarizados;
- Proporcionar vivências de movimentos característicos da ginástica artística (de solo);

Atitudinal

- Participar ativamente das discussões em aula.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Pega-pega ginástico

Material: Coletes

Descrição: Alunas estarão dispersas pela quadra, uma será o pegador e deverá portar um colete para identificação. As demais fugirão, tendo como possibilidade para evitar serem pegas, realizar movimentos estipulados pela professora, tais como: polichinelo, permanecer na posição de prancha e realizar apoios no solo, abdominais, etc.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Circuito de movimentos

Material: Cones, colchonetes e arcos.

Descrição: Alunas em trios, e uma delas deverá realizar os seguintes movimentos, tendo a todo momento o auxílio das outras duas: Partindo da posição agachado, fazer um rolamento e terminar em pé, em seguida, realizar outro rolamento. Depois, transpor os arcos, realizando o movimento de estrela. Na sequência, realizar o movimento de “ponte”, partindo da posição de decúbito dorsal, elevando o quadril, enquanto apoia-se nas mãos e pés, somente. E, por fim, apoiando-se sobre as mãos e com braços estendidos, próximo à parede, a aluna deverá encostar o solado dos dois pés na parede, ao finalizar o movimento de parada de dois apoios.

Volta a Calma

Atividade 3 – Discutindo

Material: Nenhum

Descrição: Em uma roda de conversa, iremos discutir quais as dificuldades encontradas para a realização dos movimentos e a ginástica como a origem da Educação Física Escolar. Também falaremos características da ginástica artística.

Observações: O tempo da aula de hoje era de 45 minutos e foi realizada no ginásio. Na primeira atividade, abordei de forma lúdica a ginástica militarista para que eu pudesse trazer para elas um pouco do início da história da Educação Física. As alunas realizaram todas as atividades e no momento de volta a calma discutimos vários assuntos pertinentes fazendo um link com a aula de hoje. Um dos assuntos comentado foi em relação a falta de práticas relacionadas a ginástica, pois a maioria delas diziam não conhecer a ginástica artística. Uma fala que me mexeu comigo foi quando uma delas me questionou se quando eu saísse da escola a Educação Física não iria mais ser diferente. Disse a ela que aquela Educação Física não era diferente, era a Educação Física que elas tinham o direito de ter, com as diversas manifestações que o componente oferece.

PLANO DE AULA 12

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 24/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer características da ginástica rítmica;
- Compreender os movimentos realizados como parte da cultura corporal de cada grupo;

Procedimental

- Oportunizar a exploração de materiais utilizados na ginástica rítmica e criação de movimentos com os mesmos;
- Criar materiais alternativos que possibilitem a vivência da ginástica rítmica;

Atitudinal

- Incentivar o trabalho em grupo.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Caracterizando a Ginástica Rítmica

Material: Envelopes, palavras

Descrição: Espalhados pela sala/pátio estarão envelopes enumerados de um a três contendo palavras que formam frases com características da ginástica rítmica, regras, história, etc. A turma será dividida em três grupos e deverão procurar seu respectivo envelope. Além dos envelopes com as palavras, terá envelopes “pegadinha – Continue procurando”. Após encontrarem os envelopes os grupos terão que montar as frases. Posteriormente discutiremos cada frase.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Explorando os materiais

Material: Fita, bola, arco, corda

Descrição: A professora irá dividir a turma em grupos. Cada grupo terá um dos materiais utilizados na Ginástica Rítmica (bola, corda, arco, fita) para explorar e criar movimentos para que o outro grupo realize.

Atividade 3 – Criando materiais

Material: Palitos de churrasco, papel crepom, TNT

Descrição: Cada aluna ganhará um palito e um pedaço de papel crepom para confeccionar sua fita. Também ganharão pedaços de TNT que poderão trançar para confeccionarem cordas.

Volta a Calma

Atividade 4 – Problematizando os movimentos.

Material: Nenhum

Descrição: A partir dos movimentos criados a professora problematizará a atividade.

“Quais foram os movimentos? ” “Onde aprendemos e vivenciamos os mesmos? “Eles vêm da ginástica? ”

Observações: A aula de hoje foi realizada no salão. Tenho buscado estratégias para abordar os conceitos das ginásticas de forma que elas se envolvam. Na primeira atividade, percebi que alcancei meu objetivo estabelecido para ela. Durante a exploração dos materiais, os movimentos que elas realizavam eram de alguns esportes coletivos, com a bola fizeram até um jogo de passes, na verdade, eu previa esse acontecimento, por isso organizei um momento para problematização desses movimentos. Embora, eu tenha percebido uma mudança significativa nelas em relação aos pensamentos das manifestações da Educação Física, o processo tem que ser contínuo, sempre que tenho oportunidade faço uma problematização disso, e como disse em alguma das minhas reflexões, não estou tratando os esportes coletivos como os vilões, mas quero que elas percebam que a Educação Física tem outras diversas possibilidades. Na atividade

onde propus a criação dos materiais, todos se envolveram até os meninos, que particularmente achei que não demonstrariam interesse, porém até me pediram para levar o material para casa.

PLANO DE AULA 13

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 25/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Compreender as principais regras da ginástica acrobática;
- Conhecer características da ginástica acrobática;

Procedimental

- Vivenciar movimentos gímnicos acrobáticos;

Atitudinal

- Cooperar com o trabalho coletivo e cuidar do colega ao auxiliá-lo nas atividades propostas.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Mito ou verdade?

Material: Caixa com frases

Descrição: As alunas estarão dispostas em uma roda de conversa. A professora terá uma caixa com frases afirmativas relacionadas a Ginástica Acrobática, então, sorteará as frases e argumentará a turma “Mito ou verdade? ”, a partir das respostas discutiremos.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Movimentando-se

Material: Nenhum

Descrição: Em trios as alunas realizarão movimentos da ginástica acrobática que a professora explicará.



Prancha facial para cima dos pés do base deitado



Monte de costas sobre as coxas do base em pé



Equilíbrio em Pino com base sentado de pernas afastadas



Volta a Calma

Atividade 3 – Conversa informal

Material: Nenhum

Descrição: Feedback sobre a aula.

Observações: A aula foi cancelada pelo diretor da escola devido a umidade do ginásio, os professores não foram avisados somente os alunos no turno de aula pela manhã. Este plano será utilizado na aula do dia 31.

31/05- Devido à forte chuva no horário da aula, a aula foi cancelada. Este plano será utilizado na aula do dia 01/06.

Esta aula deveria ser realizada no dia 25 de maio, porém o diretor da escola cancelou a aula avisando as turmas de manhã, mas não comunicou o Alex. Não estava chovendo e o tempo estava úmido pela manhã deixando a quadra inutilizável pela manhã, porém, a tarde a quadra já estava em condições de uso. Além disso, poderíamos ter ocupado outros espaços da escola, percebi através dessa atitude do diretor que para ele a Educação Física se limita ao espaço da quadra. Quando cheguei lá, o Alex e eu ficamos esperando cerca de 30 minutos sem saber o porquê do “desaparecimento” das meninas, até que uma mãe foi até a escola ver se o fato era verídico e nos comunicou.

Nas atividades de hoje percebi maior envolvimento das meninas, os meninos não compareceram. Durante o mitos e verdades, um grupo de alunas estava acertando a maioria das respostas, estranhei, pois, as mesmas relataram não conhecer a modalidade, perguntei como elas sabiam e elas disseram terem lido após a aula de ginástica rítmica, pois elas já sabiam as

características da ginástica artística e rítmica e queria saber sobre acrobática. Pensa em uma professora feliz, fiquei impressionada com a motivação delas em buscar conhecimento teórico sobre uma prática desconhecida pelas mesmas. As demais atividades foram realizadas com entusiasmo, todas as alunas participaram. Após o feedback da aula, conversamos sobre a Amostra de Dança, algumas alunas que têm atestado estavam na aula – algumas eu nem conhecia – para saber qual seria a avaliação para elas, fizemos uma roda de conversa para decidirmos junto, coloquei para todas que a avaliação do trimestre seria a amostra, a participação em aula e a frequência. Propus para as que têm atestado se inserirem em um grupo ou fazer um relatório de seis páginas sobre a construção da proposta de avaliação, desde o início até o dia da amostra, porém, isso seria decidido pelas alunas que sempre estavam presentes na aula. Deixei elas decidirem e ficou estabelecido que as que possuem atestado devem entregar o relatório.

PLANO DE AULA 13

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 07/05/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Reconhecer as características das modalidades ginásticas rítmica, acrobática e artística;

Procedimental

- Possibilitar a vivência e execução de movimentos, com e sem materiais, das diferentes modalidades;
- Oportunizar a utilização do espaço e materiais, e a criatividade;

Atitudinal

- Exercitar o debate e o trabalho em equipe.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Corra e responda

Material: Nenhum

Descrição: Com todas no centro da quadra, serão realizadas questões referentes às modalidades de ginástica já trabalhadas, cuja resposta será “Sim” ou “Não”. As goleiras da quadra representarão, cada uma, uma resposta. Após a pergunta ser realizada, cada uma deverá mover-se, dentro do tempo de 5 segundos, para uma das respostas. Para determinar aquelas que acertaram, as alunas irão se aproximar do centro, novamente, e será explicada a resposta correta.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Construindo!

Material: Bolas, fitas, arcos, corda e colchonetes.

Descrição: Divididas em grupos as alunas deverão escolher uma das modalidades de ginástica trabalhadas e montar uma breve apresentação de ginástica, para isso terão diversos materiais que poderão ou não utilizar.

Atividade 3 – Apresentação

Material: Bola, fitas, arcos, cordas e colchonetes.

Descrição: Cada grupo se apresentará para os demais e deverá falar três características da ginástica escolhida.

Volta a Calma

Atividade 4 – Conversa Informal

Material: Nenhum

Descrição: A professora irá parabenizar as meninas pela Amostra de Dança apresentada no dia cinco e argumentará os pontos positivos e negativos que as mesmas encontraram desde o início da proposta, o que poderíamos ter feito diferente, etc.

Observações: Na aula de hoje estavam presentes todas as alunas, inclusive as que tem atestado. A amostra de dança instigou as mesmas a participarem das aulas e elas perguntaram se podem retirar o atestado da secretaria para o trimestre que vem, comentei com elas que sim, mas que após a retirada do atestado elas teriam que se comprometer com as aulas, pois não teria respaldo para a não prática.

A primeira atividade foi uma das mais legais que já realizamos, consegui perceber que elas realmente aprenderam os conceitos através de um simples jogo de perguntas e respostas que proporcionou diversão também. Nas atividades seguintes elas demonstram entusiasmo e realizaram com êxito e queria realizar uma Amostra de ginástica. Percebo que elas estão motivadas a mostrar para os demais o que elas estão fazendo nas aulas, e isso me deixa motivada a buscar novas maneiras de tematizar os conteúdos.

No momento final, falamos sobre a Amostra de dança, as meninas estão realizadas. Parabenizei elas e perguntei os pontos positivos e negativos, elas propuseram divulgar mais da próxima vez. Uma das falas que mais me chamou atenção foi que uma delas relatou como um ponto negativo o não envolvimento do diretor na amostra, pois o mesmo ainda pediu para baixarmos o som e no dia seguinte disse que havia muita “baderna” na escola devido a amostra, pois os alunos do noturno queriam olhar. Ela ainda complementou, “*Se fosse um jogo dos guris ele “tava” lá no meio*”, entendi a indignação dela, talvez era a mesma minha, mas hoje vejo com outros olhos. Expliquei para elas que vai levar um tempo para o diretor se acostumar com certas coisas, que o melhor que poderíamos fazer é não bater de frente com ele e respeitá-lo. Em geral, a amostra foi um sucesso, e acredito que foi de grande aprendizado tanto meu quanto delas.

PLANO DE AULA 15

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 08/06/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer o conceito de Parkour e reconhecer as capacidades físicas características desta prática.

Procedimental

- Experimentar a prática corporal de aventura urbana (Parkour);

Atitudinal

- Estimular o cuidado pessoal e com os colegas durante a execução das atividades;
- Reconhecer a atividade como praticável fora da escola.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – O que é Parkour?

Material: Cartaz

Descrição: A professora levará um cartaz escrito Parkour e pedirá para as alunas escreverem ou desenharem no mesmo características desta prática corporal. A partir disto, discutiremos essas características se estão corretas ou não.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Vivenciando

Material: Nenhum

Descrição: No pátio da escola, procuraremos espaços possíveis para o desenvolvimento dessa prática. Num primeiro momento deixarei as meninas explorarem o local, em seguida, darei sugestões como transpor as pernas para o outro lado do banco, pular os degraus da escada, pular o banco, etc. Procuraremos por toda a escola. Sempre enfatizando a importância do cuidado e reconhecimento dos limites do seu próprio corpo.

Volta a Calma

Atividade 3 – Refletindo

Material: Nenhum

Descrição: Em uma roda de conversa, discutiremos em quais outros lugares essa prática também seria possível e aplicável fora da escola.

Atividade 4 – Capacidades Físicas

Material: Nenhum

Descrição: Baseando-se na vivência do Parkour, as alunas deverão citar quais as capacidades físicas mais utilizadas durante a prática.

Observações: Hoje dei início a um novo conteúdo, apresentei as práticas corporais de aventura tematizando o Parkour. Os conceitos que eles atribuem a prática não estão errados, porém, eles têm a concepção que o Parkour só pode ser praticado em cidades grandes. Então, procuramos vários espaços na escola para podermos realizar a prática, e em todo momento a iniciativa vinha deles, intervi dando dicas, porém poucas. Passeamos por toda escola, até em lugares que eu não conhecia, foi mais legal do que eu imaginava que seria. Por fim, discutimos outros lugares que a prática também seria possível surgiu na o Parcão, a Praça e outras escolas. Os alunos chegaram a perguntar se Parkour era Educação Física, então complementei falando das práticas corporais de aventura que fazem parte do componente.

PLANO DE AULA 16

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
Estágio Supervisionado III

Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 14/06/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer características da corrida de orientação;
- Compreender as práticas de aventura como parte das manifestações da cultura corporal;

Procedimental

- Oportunizar a vivência da corrida de orientação;
- Estimular a prática de atividade física através da corrida de orientação;

Atitudinal

- Incentivar o trabalho em grupo entendendo e ajudando nas limitações de cada colega durante a corrida.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Conversa Informal

Material: Nenhum

Descrição: A professora argumentará quais os conhecimentos que as alunas possuem sobre corrida de orientação e explicará algumas características da mesma. Mostrará uma bússola enquanto explica e um mapa.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Vivenciando

Material: círculos coloridos e mapas.

Descrição: A professora irá dividir a turma em grupos e cada um ganhará um mapa para identificarem os pontos onde deverão encontrar os círculos. O percurso deverá ser filmado.

Volta a Calma

Atividade 3 – Problematizando a vivência

Material: Nenhum

Descrição: A professora argumentará a cada aluna o que acharam da experiência, pontos positivos, negativos e dificuldade encontradas. Pedirá para que as alunas expressem qual a importância deste esporte na Educação Física.

Atividade 4 – Relatando

Descrição: Organizadas nos grupos que realizaram a vivência, as alunas deverão criar um texto (um parágrafo) falando sobre a experiência e incentivando outras pessoas a praticarem este esporte e deverão postar em seu facebook usando as hashtags #educaçãofísicaescolar #esportedeorientação.

Observações: A aula de hoje foi realizada no Parcão, compareceram 26 alunos. Ao argumentar a eles se já conheciam a corrida de orientação os mesmos relataram que não e mostraram-se instigados a aprender sobre, perguntando como se utilizava a bússola e o mapa. Durante o a corrida propriamente dita, os alunos demonstraram-se competitivos. Todos os alunos completaram a prova, como descrito no plano pedi para que eles filmassem o percurso para a realização da atividade 4, porém os vídeos ficaram muito grandes e atividade foi realizada através de fotos. Em relação aos relatos e as reflexões sobre a atividade, talvez, quem me veja falar acha bobagem, mas essa turma cada vez me surpreende mais. Não conseguimos realizar a última atividade, ficou estabelecido que elas deveriam postar até o feriado.

PLANO DE AULA 17

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Estágio Supervisionado III	
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues	
Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 90 min. – 21/06/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Conhecer e reconhecer características da prática corporal de Slackline;

Procedimental

- Oportunizar a melhora do equilíbrio e da prática de Slackline;

Atitudinal

- Cooperar com as colegas evidenciando o cuidado e respeito durante a prática.

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Qual a prática?

Material: Bambolês

Descrição: As alunas deverão dividir-se em duas equipes e formar colunas. A frente em uma distância de aproximadamente 10 metros estarão 9 bambolês, divididos em 3 fileiras formando o jogo da velha, cada equipe terá 3 mini cones. As três primeiras alunas terão em mãos um

mini cone, ao comando da professora a primeira aluna de cada coluna correrá em direção aos bambolês e colocará o cone em um dos bambolês, a próxima aluna só poderá sair quando a primeira retornar e assim sucessivamente até que alguém vença o jogo da velha.

A equipe que vencer ganhará um envelope com letras que formam a prática corporal que iremos tematizar em aula, a equipe que perder ganhará um envelope com características dessa prática para que adivinhe.

Prática: Slackline

Desenvolvimento

Atividade 2 – Treinando o equilíbrio

Material: Corda e tampa de garrafa

Descrição: A professora explicará que uma das principais capacidades físicas para conseguir vivenciar essa prática é o equilíbrio, assim, uma aluna por vez tentará equilibrar-se caminhando sobre uma corda esticada no chão carregando uma tampa de garrafa sobre a cabeça.

Variação: Caminhar sobre o meio fio.

Atividade 3 – Slackline

Material: Slackline

Descrição: As alunas deverão dividir-se em trios para vivenciarem a prática e se auxiliarem entre si.

Volta a Calma

Atividade 4 – Relato da Experiência

Material: Nenhum

Descrição: A professora argumentará a cada aluna o que acharam da experiência, se já haviam vivenciado, quais pontos positivos, negativos e dificuldade encontradas.

Observações: O dia estava ensolarado, a aula teve início na quadra externa da escola, na primeira atividade os dois grupos tiveram extrema dificuldade em descobrir qual a prática que seria tematizada, tive que intervir, pois já estavam a quase 40 minutos na atividade. As alunas desconheciam totalmente a prática, porém quando avistaram a fita que estava no outro lado da escola comentaram já terem visto pessoas no Parcão praticando. As demais atividades ocorreram de maneira satisfatória, na volta a calma comentamos vários aspectos positivos da atividade e um dos mais falados foi o auxílio das colegas.

PLANO DE AULA 18

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
Estágio Supervisionado III
Acadêmica: Noélia Carolina Rodrigues

Público alvo: Anos finais, ensino fundamental.	Faixa Etária: 12-14 anos
Turma: 82 e 84 (feminino)	Tempo: 45 min. – 22/06/2017
Local: E.E.E.M Dom Hermeto- Prof. Alex Carvalho.	

Objetivos:

Conceitual

- Compreender as diferentes materiais e práticas corporais como parte da Educação Física escolar;

Procedimental

-

Atitudinal

-

Procedimentos:

Parte Inicial

Atividade 1 – Educação Física ou não?

Material: Bolas de diferentes modalidades, fita, arcos, raquetes, papel, caneta, giz, apagador de quadro... etc.

Descrição: Espalhados no centro da quadra estarão diversos materiais. As alunas selecionar julgando se é possível ser utilizando ou não nas aulas de Educação Física. Posteriormente, deverão relatar possibilidades que o componente pode oportunizar e possíveis espaços para que o mesmo ocorra.

Desenvolvimento

Atividade 2 – Movimentos me definem

Material: Nenhum

Descrição: Em círculo, uma aluna por vez deverá apresentar-se falando seu nome e realizando um movimento (simultaneamente) que lembre a área de Educação Física. De forma acumulativa, cada vez que uma se apresenta, as demais repetem o nome e o movimento, até que todas realizem a atividade

Volta a Calma

Atividade 3 – Problematizando

Material: Papel Pardo e canetas coloridas

Descrição: Após a realização da atividade anterior, em um círculo, faremos a reflexão em relação aos movimentos apresentados, bem como, a problematização dos mesmos.

Observações: No dia de hoje estavam presentes todas as alunas, a primeira atividade planejei visando entender o que elas compreendiam após tematizarmos diferentes práticas na turma e saber se elas reconheciam outros espaços para a Educação Física. No momento da discussão

apenas mediei os assuntos, as meninas argumentavam e problematizavam os assuntos entre si apresentando argumentos quando achavam que a colega estava errada. A atividade dois foi a mesma da primeira aula, onde percebi que os movimentos que elas realizavam se limitavam a um conhecimento específico voltado especificamente aos esportes coletivos, assim, realizei a atividade novamente a fim de identificar se os movimentos mudariam. Embora algumas alunas tenham realizado movimentos relacionados aos esportes coletivos, a maioria delas realizou movimentos relacionados a dança, ginásticas e as práticas de aventura. Aproveitei para conversarmos sobre o que aprendemos. Foi uma das melhores aulas! O entendimento, os argumentos e até o posicionamento enquanto elas falavam mudou, as meninas deram um salto à frente em relação a compreensão da Educação Física e outros assuntos fora dela e isso me deixa muito satisfeita, pois a partir da Educação Física foi possível contribuir para a formação plena das estudantes.